

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

RAQUEL VENDRAMINI VIDOTTO

**UMA LEITURA CONTEMPORÂNEA DA MULHER
DENTRO DA PSICANÁLISE** - Uma revisão do olhar
psicanalítico direcionado à mulher sob a ótica da
perspectiva dos estudos de gênero

**SÃO PAULO
2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

RAQUEL VENDRAMINI VIDOTTO

**UMA LEITURA CONTEMPORÂNEA DA MULHER
DENTRO DA PSICANÁLISE** - Uma revisão do olhar
psicanalítico direcionado à mulher sob a ótica da
perspectiva dos estudos de gênero

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr.
Plínio de Almeida Maciel Jr.

**SÃO PAULO
2018**

UMA LEITURA CONTEMPORÂNEA DA MULHER DENTRO DA PSICANÁLISE - Uma revisão do olhar psicanalítico direcionado à mulher sob a ótica da perspectiva dos estudos de gênero.

7.00.00.00-0 - Ciências Humanas

7.07.00.00-1 - Psicologia

autora: Raquel Vendramini Vidotto

2018

orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior

RESUMO

O presente trabalho apresenta e discute algumas concepções psicanalíticas em relação à mulher e conceitos relacionados ao seu psiquismo (inveja do pênis, passividade relacionada a mulher, entre outros) a partir de uma análise crítica que se propõe a questionar a definição que é feita do feminino dentro da psicanálise, sempre por uma ótica negativa, como um enigma e uma carência, eternamente castrado, sendo seu desenvolvimento espelhado e constantemente pautado pelo desenvolvimento do homem. Foi realizada uma revisão bibliográfica e de certa forma histórica do que Freud e Lacan discutiram acerca do assunto, de modo a examinar se a psicanálise em seus moldes originais acaba por perpetuar um modelo tradicional de diferença sexual. Em seguida, sob a ótica dos trabalhos da psicanalista brasileira Maria Rita Kehl e outros autores recentes, são apresentados alguns questionamentos da psicanálise contemporânea acerca desse conjunto de ideias de ambos os teóricos, adicionados das concepções de Kehl acerca do psiquismo da mulher.

palavras-chave: psicanálise; mulher; primazia fálica; psiquismo; sexualidade feminina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	MÉTODO	13
3	DESENVOLVIMENTO.....	16
3.1	Análise do desenvolvimento psicosexual da mulher dentro da obra freudiana	16
3.2	Os avanços de Lacan na análise do desenvolvimento psicosexual da mulher.....	39
3.3	A leitura contemporânea de Kehl e outros autores sobre a mulher na psicanálise	53
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
5	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Como movimento social, o feminismo surge em meados do século XIX, articulando-se com a psicanálise no final deste mesmo século, a partir do movimento das sufragistas, na cultura ocidental, havendo, desde então encontros e desencontros entre a teoria psicológica e o movimento social. A psicanálise freudiana vai desenvolvendo-se baseada em uma concepção iluminista de sujeito universal, porém não reflete que esse sujeito é homem, branco, europeu, burguês, heterossexual e cisgênero (LAGO, 2010), de modo que o psiquismo analisado na teoria é de um grupo muito seletivo e sem condições de ser generalizado para todo o ser humano como se ele fosse único, o que foi e ainda é uma questão para o feminismo em geral. Sigmund Freud não poderia ser mais claro a respeito disso, quando em um de seus trabalhos expõe a seguinte frase: “Nas páginas que seguem comunico alguns resultados da pesquisa psicanalítica, resultados muito importantes, se demonstrarem ser universalmente válidos.” (Freud, [1925], 2011, p.284).

Em seu trabalho, o teórico concluiu que a psicologia profunda, que engloba mais que a psicanálise, dentro de suas categorias e fenômenos investigados, é resultado da configuração da sociedade vitoriana de Viena do início do século XX: “A psicologia profunda não existia no século XVII, pois não era necessária; porque as relações não a exigiam” (Berg, 1970, apud Rocha e Rocha, 2017).

No presente, a sociedade e a constituição dos sujeitos são imensamente diferentes do que eram na época vitoriana, na qual Sigmund Freud fundou sua teoria e seus conceitos, em que ele podia contar com a transmissão e reprodução dos papéis sociais e sexuais, - tendo em conta a mulher vitoriana burguesa assexuada e representante do lar (MONTEIRO, 1998 apud QUEIROZ DE PAULA, 2013, p.2). A comunidade contemporânea passou por várias transformações e os dois pilares do Complexo de Édipo, que são o laço geracional e a diferença sexual, sofreram mudanças estruturais desde então, quando emerge um discurso heterogêneo sobre papéis de gênero, incitando a discussão dentro do campo psicanalítico: “o complexo de Édipo frequentemente se demonstrava insuficiente quando se tratava de pensar especialmente a sexuação feminina” (Queiroz de Paula, 2013, p.3).

Na teoria freudiana, a masculinidade e a feminilidade como conceitos são formados pela escolha objetal que é feita na passagem do amor narcísico para o amor objetal. Assim, a menina dá entrada na fase fálica ao descobrir que não tem um pênis e ela passaria a vida inteira lutando contra essa decepção e invejando o homem possuidor do pênis, algo que foi postulado por Freud como o conceito de inveja do pênis. Desta forma, pode-se pensar que na teoria freudiana o homem e a sexualidade masculina são a referência de ser humano, enquanto a mulher e a sexualidade feminina são entendidas e discutidas a partir destas referências, o que leva ao entendimento de que a mulher é o segundo sexo na teoria de Freud (BERG, 1970, apud ROCHA e ROCHA, 2017). Uma das críticas essenciais feita à psicanálise freudiana é de ela ter proposto o desenvolvimento da mulher a partir do modelo masculino: “ele [Freud]¹ supõe que a mulher se sente um homem mutilado” (Beauvoir, 1949, p. 61 apud Rocha e Rocha, 2017, p.124).

O conceito de feminilidade despertou uma série de debates no meio psicanalítico europeu na primeira metade do século XX. Em um primeiro momento, ainda nas décadas de 1920 e 1930, com as discípulas psicanalistas de Freud, como Karen Horney, Melanie Klein e Helene Deutsch. Dentre elas, Horney foi uma crítica do conceito de inveja do pênis, enquanto Deutsch foi mais condescendente com ele. Por outro lado, a partir da década de 1940, o mesmo conceito suscitou críticas e oposição por parte de teóricas feministas como Simone de Beauvoir, Betty Friedan e Kate Millett.

A história dos movimentos feministas, - no mundo ocidental e eurocêntrico, - frequentemente é dividida em três ondas: a primeira onda se situa na virada do século XIX para o XX e no entre guerras, em que as principais reivindicações eram por uma emancipação civil das mulheres, por cidadania e direito ao voto e educação, os chamados feminismos da igualdade. A segunda onda, localizada dos anos 60 aos anos 90 do século XX, continuava a luta pela igualdade de direitos, destacando a opressão feminina que é feita pela sociedade machista. A terceira e última onda do feminismo seria do final do século XX até os dias atuais, propondo uma interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade, em sua maioria. É nesse período que há um impacto das contestações do feminismo negro ao feminismo ocidental, aqui referido como particularmente composto e liderado por mulheres brancas heterossexuais de

¹ Adição feita pela autora deste trabalho.

classe média, apontando para a necessidade de criação de espaços distintos que levassem em consideração a diferença entre as mulheres. Rupturas no movimento também surgem neste período da chamada terceira onda a partir das reivindicações das mulheres lésbicas e bissexuais.

Foram as teóricas feministas, principalmente aquelas da segunda onda dos anos 70, que criaram a ideia de gênero não somente como uma diferença produzida na cultura, mas adicionando a esse conceito as desigualdades e opressões sofridas por mulheres, em que a “diferença sexual” não seria algo natural, mas histórica e culturalmente construída e produzida, sendo gênero separado do sexo biológico.

A psicanálise não se construiu, no entanto, como uma reflexão crítica sobre a estrutura patriarcal da sociedade e da família. Suas perguntas eram outras e suas concepções se elaboraram dentro destas estruturas do pensamento ocidental patriarcal, em que a categoria “homem” equivale à humanidade, englobando a categoria mulher subsumida neste sujeito genérico homem (no entanto, para esse corpo teórico, não mais o sujeito racional, mas o sujeito do inconsciente, sujeito do desejo). Lago (2010, p.4-5)

Assim como uma série de teóricas de gênero/feministas, Simone de Beauvoir, que herdou a discordância com a psicanálise das teóricas de primeira onda, expressou uma divergência de base com essa teoria, especialmente sobre a questão da escolha que envolve a vontade consciente, devido a relevância que é dada ao inconsciente pela psicanálise. Ela ainda se dedicava a separar mitos e fatos relacionados a mulher, a partir da perspectiva do materialismo histórico (LAGO, 2010). Segundo Beauvoir (1949), “a inveja da menina resulta de uma valorização prévia da virilidade. Freud a encara como existente quando seria preciso explicá-la” (p. 61-2).

No livro *Mística Feminina*, de 1960, Betty Friedan, importante ativista dos EUA, critica o conceito de castração feminina, visto que Freud postulava como único destino para a mulher a “inveja do pênis”. No entanto, segundo Friedan, foi ignorado que ele se refere a um grupo de mulheres específico, isto é, mulheres brancas de classe média, da época vitoriana, da cidade de Viena, e suas postulações acabaram sendo aproveitadas como explicação literal para tudo que não era adequado para as mulheres americanas como um todo, e, para ela, - isso foi uma falácia. (FRIEDAN, 1963, apud Lago, 2010).

Gayle Rubin é outra teórica norte-americana que fez importantes contribuições para os estudos de gênero, ao apresentar oposições ao estruturalismo de Lévi-Strauss e a própria psicanálise, cunhando o conceito que ela denominou de sistema sexo-gênero. A sua crítica à psicanálise se faz especialmente às ideias de Freud e Jacques Lacan, por eles colocarem o falo como o significante estrutural do psiquismo.

Em seu livro *Problemas de Gênero*, de 1990, a filósofa americana Judith Butler propõe que, dentro da psicanálise, a partir de uma visão masculinista e falocêntrica, as mulheres acabam por ser o irrepresentável, “o sexo que não é uno”, o sexo que não pode ser pensado.

As contribuições de Freud são inegáveis, visto que ele se distancia da psiquiatria ao inaugurar um quadro reduzido de formações psíquicas, porém a centralização da sua teoria no complexo de Édipo funciona como um limitador de expressão de subjetividades. E, embora, a psicanálise tenha o complexo de Édipo como uma proposição universal, ela é inteiramente pautada pela ordem fálica, de modo que falha frente a essa sua ambição. Segundo Molina (2009, p.170),

Mas na mulher é a inveja do pênis que será determinante em sua constituição subjetiva: ela é castrada sem ter ao menos a chance de ter transgredido. Filha da ausência e condenada ao vil sentimento da inveja, a mulher para ser deve querer ter, enquanto ao homem, para ser, é preciso não perder.

Enquanto campo clínico e de investigação teórica da psique humana, a psicanálise se constituiu a partir de um modelo essencialista da diferença sexual, modelo este historicamente construído entre os séculos XVIII e XIX através da primazia da heterossexualidade e da dominação masculina (ÁRAN, 2009).

A obra freudiana responde às influências socioculturais da época vigente e ao âmbito epistêmico da modernidade, que aceita certas lógicas e excluem outras. Os ideais burgueses patriarcais e a forte ideia tradicional sobre a família e a mulher se manifestam claramente na obra de Sigmund Freud. Obviamente, não se pode esquecer do caráter revolucionário do trabalho de Freud sobre o inconsciente e a sexualidade e da escuta que ele possibilitou às históricas, porém sua criação se encontra impregnada pelos ideais da época, sendo que o próprio autor sustentava a função imperativa do cuidado da casa e das crianças à mulher.

Hoje é possível apontar acontecimentos históricos que alteraram significativamente a posição da mulher dentro da sociedade desde a época em que Freud viveu, sendo eles: a) escolarização das mulheres; b) a entrada da mulher no mercado de trabalho; c) a separação da sexualidade da reprodução e d) uma crise na organização da família nuclear burguesa, deslocando as fronteiras do que era considerado próprio do homem e próprio da mulher, de modo que fica evidente a necessidade de repensar a diferença sexual dentro da psicanálise, não apenas como uma necessidade ética e política mas também teórica, de modo a abarcar as mudanças que ocorreram na sexualidade ao longo do tempo (ÁRAN, 2009).

Antes de apresentar e discutir a análise crítica à formulação psicanalítica da diferença sexual feita por Maria Rita Kehl (Kehl, 2016), é necessário fazer uma exposição satisfatória das teorias de Freud e Lacan sobre este tema, de modo a ficar claro o que eles pensavam acerca do assunto e que questões foram sendo suscitadas desde a emergência dos estudos de gênero. Esta exposição será feita a partir da leitura dos grandes textos de Freud e Lacan a respeito do desenvolvimento sexual feminino para que, em seguida, sejam apresentadas e discutidas as apreciações feitas por Kehl e outros autores, visando a instauração de uma discussão que favoreça repensar conceitos clássicos da Psicanálise e da Psicologia e sua utilização para compreensão da psique humana e das relações interpessoais na atualidade.

Para introduzir o tema e a discussão que será apresentada posteriormente, cabe ressaltar que, para Freud (1932/1996), o que organizaria a feminilidade seria a função fálica, porque seria somente através do desejo de possuir um falo que a mulher entraria em contato com a feminilidade, sendo esta concretizada quando o desejo de possuir um falo fosse substituído pelo desejo de ter um bebê do pai, marcando, assim, o início do Édipo na menina. Em síntese, segundo Soler (apud BONFIM e VIDAL, 2009), “a feminilidade da mulher deriva de ‘ser castrada’: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem” (p. 541). Já para Lacan, o desejo feminino vai além de querer ter um filho e além do desejo de ter o falo, sendo esta discussão conhecida entre os pós-freudianos como “a querela do falo” (BONFIM e VIDAL, 2009).

Segundo Bonfim e Vidal (2009), sob a ótica freudiana que coloca o falo como o estruturante da sexualidade masculina e feminina, a mulher só se tornaria uma mulher

devido ao desejo do falo. Ela se constituiria como ser através dessa feminilidade que é castrada e que precisa do outro, o homem, para se realizar, devido à falta fálica, o que mostra mais uma vez como o desenvolvimento da mulher fica marcado e referido no masculino. Por sua vez, a teoria lacaniana propõe outro tipo de gozo na mulher porque, sob esta perspectiva, ela não está marcada totalmente pela lógica fálica. Ainda assim, Lacan se utiliza do conceito de falo como estruturante da vida psíquica das mulheres.

Para Arán (2009), a teoria psicanalítica clássica varia entre descrever a sexualidade feminina a partir da dialética de ter ou não o pênis-falo (em que a mulher só pode ser concebida como um sujeito marcado pela sua inferioridade) e situá-la no registro da não existência. Para Freud (1925/1972), o único destino da mulher seria a inveja do pênis, no qual a versão positiva seria a maternidade e a negativa a virilização. Para Lacan (1993/1975), o lado feminino aparece como sendo um limite interno ao masculino, onde a mulher se encontra como “não-toda” inscrita na função fálica. A escolha do falo como significante único do desejo significa uma posição exclusiva do feminino de exclusão (ARÁN, 2009).

Ainda pontuando a dissimetria entre os sexos através da primazia fálica evidente na teoria freudiana, Bonfim e Vidal (2009) levantam o questionamento sobre o fato de a psicanálise de Freud estabelecer o falo como único significante para ambos os sexos, de modo que não existe um significante do sexo feminino na inscrição psíquica, ou seja, todo o desenvolvimento do psiquismo da mulher seria pautado por essa falta primordial: o fato de ser não-fálica e permanecer ao longo da sua vida à procura de um modo de obtê-lo. Segundo Silva e Folberg (2009, p.51):

O monismo sexual, ou seja, a hipótese de um só e mesmo aparelho genital é a primeira das teorias sexuais freudianas e tem em sua concepção a importância da particularidade e do determinismo, para a feminilidade, que o único órgão sexual reconhecido pela criança nos dois sexos é o órgão masculino [...].

Para Lacan (1975/1993) – que parte deste impasse freudiano – , a mulher "não é toda", não é toda submetida à função fálica, não é toda submetida à castração. A consequência para uma mulher de não estar inscrita totalmente na lógica fálica é a falta de um significante que fundamente seu ser, porque Lacan considera o falo como o único significante da sexuação, de modo que em termos de significante há apenas um

sexo, o masculino. Assim, o sexo da mulher se configuraria como um vazio, um buraco, pois ela não possuiria um traço identificatório em que pudesse apoiar sua posição feminina, e é nesse sentido que a feminilidade surge como uma máscara (BONFIM; VIDAL, 2009).

Para Lacan, não existe angústia desvinculada de um objeto e, pensando exclusivamente na angústia de castração, esta tem como equivalente o *objeto a*. Para o autor, o *a* oferece um contorno à falta, sendo que ela corresponde à falta de um objeto único para direcionarmos o nosso desejo; o *a* marca a presença de um vazio. Esse objeto vai sendo estruturado a partir da imagem da falta que ele representa. O *objeto a* não é o objeto do desejo - porque ele não é significativo - mas ele é a causa do desejo, o que estaria por trás do desejo (ARÁN, 2003). Segundo Lacan: “qualquer exigência de *a* na via dessa empreitada, pois adotei a perspectiva androcêntrica para encontrar a mulher, só pode desencadear a angústia do outro” (Lacan, 1962/1963).

O próprio autor admite que ele utiliza de uma visão androcêntrica para pautar seu discurso sobre o desenvolvimento da mulher. Segundo Arán (2003, p. 305), Lacan transforma a mulher em *a* e mesmo que o *objeto a* gere uma abertura para a alteridade do Outro, sua concepção evolui colocando a perspectiva do sujeito do inconsciente como principal, sendo ela masculina por designação. O *objeto a* ou, propriamente dito, as mulheres, servem como suporte à angústia de castração do homem (ARÁN, 2003).

Ancorado em alguns conceitos de Lévi-Strauss, Lacan aponta a importância das relações de troca – troca de mulheres no caso – como questão fundamental das relações sociais, e, segundo Arán (2003), “o problema é essa aproximação, nem tão sutil, entre o objeto sexual, as mulheres e o fetiche, para fundamentar essa ideia de valor de troca” (p.302). Lacan diz que:

[...] não é mais o sexo do nosso touro, valor de uso que vai servir para essa espécie de circulação que se instaura na ordem sexual, é a mulher no que ela própria se tornou, nessa ocasião, o lugar de transferência deste valor subtraído no nível do valor de uso sob a forma do objeto de gozo [...]. (Lacan [1966/1967], 2008, p.303).

Esse valor subtraído do valor de uso eleva o objeto, no caso as mulheres, à condição de valor de troca que circula entre os homens. Desta forma, a partir da

referência do gozo fálico, a mulher acaba por assumir um lugar de fetiche (ARÁN, 2003).

Em seu livro intitulado “O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo” (1993), a antropóloga Gayle Rubin se refere a Lacan e critica a importância dada por ele e Lévi-Strauss à relação de troca dentro da cultura. Para ela,

O *phallus* traz também um significado de dominação dos homens sobre as mulheres, e pode-se inferir que a “inveja do pênis” é o reconhecimento disto. Mais ainda, enquanto os homens dispuserem de direitos sobre as mulheres que estas não detêm sobre si mesmas, o *phallus* também conterà o significado da diferença entre o “trocador” e o “trocado”, o presente e o presenteador. [...] Vivemos ainda em uma cultura fálica (Rubin, 1993, p.17).

Ao seu ver, a castração não é uma “falta” real, mas um significado atribuído aos genitais de uma mulher, sendo que o falo simbólico tem atrelado a si uma ideia de dominação masculina que é importantíssima dentro da ideia de relações de troca inserida na cultura fálica em que vivemos. Rubin (1993, p. 17) diz ainda:

Lacan fala também do *phallus* como um objeto simbólico que é trocado dentro e entre as famílias. É interessante refletir sobre essa observação em termos de transações matrimoniais primitivas e redes de intercâmbio. Nestas transações, a troca de mulheres, geralmente, é um entre muitos ciclos de troca. Normalmente, existem outros objetos circulando, além das mulheres. As mulheres circulam numa direção; o gado, conchas ou esteiras no outro. Num certo sentido, o complexo de Édipo é uma expressão da circulação do *phallus* em trocas intrafamiliares, uma inversão da circulação das mulheres em trocas interfamiliares. No ciclo de troca que se manifesta pelo complexo de Édipo, o *phallus* passa, pelo intermédio das mulheres, de um homem para outro - de pai para filho, do irmão da mãe para o filho da irmã, e assim por diante. Neste círculo familiar Kula, as mulheres vão num sentido, o *phallus* no outro. É lá que não estamos. Neste sentido, o *phallus* é mais que um traço que distingue os sexos: ele é a personificação do status de macho, ao qual os homens ascendem, e ao qual certos direitos são inerentes - entre eles, o direito a uma mulher. É uma expressão da transmissão da dominância masculina. Ela passa pelas mulheres, mas se assenta nos homens. Os rastros que deixa incluem a identidade de gênero, assim como a divisão dos sexos. Porém, ela deixa mais que isso. Ela deixa a “inveja do pênis”, que adquire uma rica significação da inquietação das mulheres numa cultura fálica.

Arán ainda destaca que na teoria lacaniana a mulher é determinada pela ideia do ser, em “[...] que é precisamente no que ela não tem, o *phallus*, que a mulher

adquire seu valor” (Lacan, 1966/1967, apud Arán, 2003, p.313). Neste ponto, Neri (1999) diz que, como seguidor e re-leitor de Freud, Lacan até desloca o feminino de um extremo em que ele é negativo e castrado para lhe enquadrar em outro, no qual ele seria o fetiche do objeto fálico do desejo masculino. Para Arán (2003), “[...] o “monismo fálico” se reapresenta na teoria de Lacan de forma um pouco mais desencarnada do que era em Freud” (p.314), visto que o quantificador universal continua sendo o falo, seja ele o órgão ou o símbolo, e o homem permanece como o seu único possuidor. Assim, para ela, ambas as teorias estão baseadas em um significante único (o pênis ou o falo).

No *Seminário XX, Mais Ainda*, Lacan (1972/1973) desenvolve a fórmula da “não relação sexual” do lado masculino e do lado feminino, que culmina nas fórmulas de sexuação propriamente ditas.

No que se refere ao lado masculino, ele parte de uma interpretação do mito freudiano sobre “Totem e Tabu” e define que o que determina um homem é estar subjugado à lógica da castração. Ele fica inscrito nessa lógica pelo mito freudiano justamente porque no inconsciente está registrado o pai da horda primitiva, que não era castrado e que gozava de todas mulheres. Esse “um” que não é castrado é o que baseia o masculino como um significante, e é possível para os homens um todo (Arán, 2003).

Sobre o lado feminino, as fórmulas resultam em duas proposições: uma, de que “não existe nenhuma mulher que não tenha relação com a função fálica” e que concomitantemente “não toda mulher está ligada a essa função”, resultando no seu argumento de que as mulheres não são totalmente marcadas pela castração. Lacan se baseia nisso devido ao fato de não existir um mito primordial do lado feminino, assim como há no masculino, de modo que as mulheres não configurariam um todo e o feminino não existiria enquanto significante (Arán, 2003).

A partir disso, pode-se inferir que embora a universalidade do ser humano ter como referencial o falo, o que estrutura a dissimetria entre os sexos, o que proporciona uma abertura a essa fórmula fechada universal, é o fato do lado feminino ser “não-todo”. E essa abertura por sua vez permite um limite para o simbólico e um acesso ao gozo, mas, para ela ser sustentada, é preciso supor que “a mulher não existe” (Lacan, 1971/1972). Segundo David-Ménard (1997):

Quando Lacan diz “A mulher não existe”, ele não exprime somente que ela não se define como universal no que tem de feminino, mas também que sua posição sexuada não é um ato que se escreveria como o que faz exceção a uma regra... Será certamente preciso avessar as coisas, dizendo que é porque os homens têm necessidade de colocar o feminino no lugar do enigma que são levados a dizer, em espelho com relação a eles mesmos, que as mulheres se acham numa posição de excesso com relação ao simbólico, incapazes de dizer de que é feito seu gozo. (David-Ménard, 1997, p. 106 apud Arán, 2003, p.317).

Desta forma, pelo modo como a teoria lacaniana é estruturada, evidencia-se que ela acaba por proporcionar ao sujeito do inconsciente, colocado nitidamente como masculino, uma aquisição ao gozo. Defensores de Lacan argumentam que o sujeito falante poderia se inscrever em qualquer um dos lados e que eles não corresponderiam ao que se define como homem ou mulher. Mas é quase impossível realizar essa abstração, visto que o homem e a mulher, como significantes, são construídos (antes) da fórmula (Arán, 2003).

Ainda, Lacan diz: “[...] elas não são castráveis porque o phallus, o qual eu sublinho que absolutamente ainda não disse o que é, elas não o têm” (Lacan [1971/1972], 2003, p.43), de modo que existe um enaltecimento do visível na percepção da diferença, prevalecendo um olhar masculino que só poder enxergar na mulher o que ela não possui (Arán, 2003).

Por fim, assim como na obra freudiana, as teses lacanianas sobre o psiquismo da mulher também se assentam nas concepções da sua época, dentro de um senso comum, manifestando duas visões diferentes acerca da mulher: na primeira, a mulher como mãe ou como Dama, inacessível, sustentando um lugar de enigma; e, na segunda, a mulher como objeto de fetiche que circula entre os homens, sendo ambas enraizadas na cultura ocidental como o ideal de feminino (Arán, 2003).

Assim como Freud, Lacan “elege uma forma específica de subjetivação como sendo universal e mais ainda estrutural” (ARÁN, 2003, p.314), tendo sua existência a custo da exclusão das mulheres na cultura, em que ambas as teorias que ele propõe sobre a diferença sexual possuem uma forma masculina de se inscrever. Há de se considerar que, neste momento da sua obra, Lacan retrata o ato sexual frente a uma sociedade que exclui a alteridade. O deslocamento do feminino, dentro da cultura e da psicanálise, coloca como necessária uma nova forma de analisar a diferença.

Em seu artigo “A anatomia e seu destino”, Kehl (2001) destaca que é possível

interpretar o modelo freudiano de discussão da sexualidade feminina como uma volta ao modelo de sexo único que havia na época do Iluminismo, segundo o qual existe somente uma única energia libidinal, um único significante para inscrição no desejo, o falo, que vai gerar subjetividades diferentes – o masculino e o feminino – baseando-se na formação da mínima diferença entre os gêneros.

A perpetuação da teoria do sexo único, ela ressalta, passaria a ser uma arma para justificar o poder do homem e a insignificância da mulher frente ao masculino, limitando o gênero feminino exclusivamente às tarefas da maternidade. Continuando essa análise, Kehl (2001, p.5) afirma:

Existe um sexo, o masculino, e seu complemento menos perfeito, porém necessário, o sexo feminino. No "pacote" das características sexuais primárias e secundárias, define-se o que seriam os homens e as mulheres, seu lugar na sociedade, os limites e o alcance de seus destinos pessoais.

Nessa passagem de seu artigo fica clara a qualificação negativa atrelada ao sexo feminino, sempre colocado como inferior ao seu oposto, o masculino, e como, a partir das características anatômicas de cada um, define-se o que é ser mulher e o que é ser homem, bem como os papéis prescritos para cada um na sociedade. Por fim, Kehl (2001) conclui que, ao diferenciarmos homens e mulheres por aquilo que se pode elaborar de cada um deles e não em razão de seus corpos, ambos são igualados numa posição de sujeito desejante. Afirma ainda que ao pensarmos a diferença entre os sexos como não complementares entre si, isto liberta a sexuação das funções procriativas à qual sempre esteve atrelada e permite que a mulher seja reconhecida como ser de linguagem e cultura.

A partir desta breve introdução, o objetivo do presente trabalho é instaurar uma discussão conceitual sobre a sexualidade feminina a partir de uma revisão teórica de alguns artigos de Freud e Lacan nos quais os autores apresentam seus pontos de vista sobre o tema. A seguir, serão apresentados os argumentos da psicanalista contemporânea brasileira Maria Rita Kehl, e de outros autores, que discutem as principais questões polêmicas da vertente teórica em relação à sexualidade da mulher, de modo a contribuir para uma desconstrução da lógica falocêntrica e favorecer o surgimento de uma economia subjetiva e libidinal feminina, em que se olha a

positividade do corpo feminino na sua diferença e propõe a reflexão sobre se seria possível existir um significante exclusivo do sexo feminino.

2 MÉTODO

Este trabalho propõe-se como um exercício de reflexão crítica sobre as discussões a respeito da mulher e da feminilidade propostas por duas vertentes psicanalíticas clássicas à luz da psicanálise contemporânea, particularmente da experiência analítica e do arcabouço teórico da psicanalista brasileira Maria Rita Kehl e outros autores, e foi produzido nos moldes de uma pesquisa documental.

O exercício reflexivo aqui apresentado parte de formulações de Sigmund Freud e Jacques Lacan sobre a mulher e a feminilidade. A discussão e as reflexões aqui apresentadas foram desenvolvidas com auxílio de alguns trabalhos publicados por Maria Rita Kehl e outros autores contemporâneos.

É importante esclarecer que não há na proposta nenhuma pretensão de comparação entre os autores escolhidos, até porque, em termos de quantidade, o conjunto de obras é muito destoante entre eles.

Os trabalhos escolhidos para apresentar as reflexões de Freud acerca da feminilidade são: “Organização Genital Infantil”, de 1923, “A Dissolução do Complexo de Édipo”, de 1924, “Algumas consequências Psíquicas da diferença Anatômica entre os sexos”, de 1925, “Sexualidade Feminina”, de 1931, e “Conferência XXXIII - Feminilidade”, de 1932.

Os trabalhos selecionados de Lacan são os Seminários 4, 5, 10, e 20, que datam de 1956 até 1973. Outro texto selecionado do autor é “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina”, de 1958².

Os textos utilizados para expor as formulações de Maria Rita Kehl são os capítulos “Freud, a feminilidade e as mulheres” e “A constituição da feminilidade no século XIX”, de seu livro “Deslocamentos do Feminino”, de 2016, e outros autores contemporâneos, que auxiliam na reflexão do tema, sendo estes: Juliet Mitchell; Jacqueline Reis Demes, Daniela Scheinkman Chatelard e Luiz Augusto M. Celes; Pedro Ambra; Maria Cristina Poli; Louise Amaral Lhullier e Daphne Fayad; e Colette Soler.

² Como cada um dos seminários e dos escritos de Lacan são extensos e a discussão proposta não teria como analisá-los por inteiro, trechos dessas obras serão selecionados a partir de comentadores deste autor (Joël Dor, Lygia Fabbro, Michele Roman Faria, Olívia Bittencourt Valdivia Pedro Ambra e Tania Coelho dos Santos) para maior objetividade e garantia de uma discussão adequada sobre ele.

Os textos destacados acima foram escolhidos a partir de uma revisão bibliográfica que demonstrou que eles são frequentemente utilizados pelas mais diversas pesquisas na área e, como não é possível valer-se de analisar a obra inteira de cada autor citado, será feito um recorte para a discussão aqui proposta tendo como base estes artigos, sendo que, obviamente, não existe a intenção de esgotar o assunto e sim de realizar uma reflexão teórica.

Os textos apontados acima serão analisados da seguinte maneira: os conceitos relevantes para a discussão serão apresentados segundo a ordem cronológica de publicação, de modo a criar uma linha do tempo sobre o que cada autor escreve sobre a sexualidade feminina. Feita essa exposição e discussão iniciais, serão apresentadas em seguida as considerações finais acerca do que cada um dos três autores destacados pensa e propõe sobre a temática da sexualidade feminina.

Finalmente, é importante esclarecer que a obra lacaniana não será discutida com o mesmo detalhamento da obra freudiana por conta da maior complexidade que ela oferece para uma aluna de graduação. Porém, como o autor é essencial para a compreensão psicanalítica da mulher, visto que ele avança teoricamente em aspectos formulados inicialmente por Freud, seu trabalho não poderia deixar de ser discutido, ainda que superficialmente e com o auxílio de seus comentadores.

Segundo Violante (2000), o lugar ideal para a pesquisa em Psicanálise seria o processo analítico, mas, afirma a autora, ela também pode ocorrer em situações extra-analíticas. Essa pesquisa extra-analítica pode ser de dois tipos: a exegética, que se voltaria para a leitura e análise de livros, sendo um exemplo o trabalho de Laplanche “Problemáticas”. O segundo tipo seria a pesquisa hermenêutica, isto é, um pensar sobre as próprias vivências, que é o que Freud faz em sua obra “Futuro de uma ilusão”, por exemplo.

Violante (2000) cita Mezan, segundo o qual as pesquisas exegéticas, assim como as de Laplanche, são uma forma de produção de conhecimento psicanalítico a partir de uma leitura de obras da Psicanálise. Nesse tipo de pesquisa, o objeto de estudo é formado por textos e não por material clínico. A autora afirma que

a pesquisa em psicanálise efetivada no âmbito da universidade pode ocorrer na clínica, pode dela decorrer, ou pode ocorrer fora da situação

analítica, desde que seu objeto de estudo seja possível de ser abordado do ponto de vista da psicanálise; ainda, pode ser uma pesquisa teórica assim como histórica. Nesses diferentes universos, o que se problematiza são as dimensões que constituem o saber psicanalítico: a teoria sobre a constituição do psiquismo, a metapsicologia, a psicopatologia, o processo analítico, bem como a história das ideias e as interfaces da psicanálise - com a filosofia, a arte, etc. O importante é problematizar o objeto de estudo de tal modo que só a psicanálise possa dar respostas ou, ao menos, que ela seja imprescindível para a efetivação do estudo". (Violante, 2000, p.117).

Dadas as considerações de Violante (2000), pode-se justificar que esta pesquisa é feita em psicanálise e se caracteriza como exegética por fazer uma leitura reflexiva sobre textos já escritos no campo, além de abordar uma dimensão do saber psicanalítico que é a constituição do psiquismo da mulher.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Análise do desenvolvimento psicosexual da mulher dentro da obra freudiana

O primeiro artigo em que Freud propõe a sustentação fundamental do seu conceito de feminilidade é “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905), no qual propõe a presença de um monismo sexual nos dois sexos até a puberdade. É nesse trabalho que ele expõe a ideia acerca da sexualidade infantil e seus estágios de desenvolvimento: a fase oral, a fase anal e, posteriormente, a fase fálica. Nesta última, Freud diz que as crianças dos dois sexos reconhecem apenas um tipo de órgão sexual, o masculino, de modo que não há registro no inconsciente do Outro sexo (BONFIM; COSTA, 2014). O próprio Freud, ao longo de sua obra, reformula o que diz nesse primeiro texto, fazendo referências a ele.

Em “Organização Genital Infantil”, Freud (1923/2011) complementa as ideias apresentadas em 1905, ao pontuar que a organização adulta é genital, enquanto a da infantil é fálica, de modo que o desenvolvimento sexual é instaurado em dois tempos, sendo que, quando há o desfecho do primeiro tempo, a sexualidade infantil se aproxima da sexualidade adulta. O órgão sexual masculino continua sendo o único reconhecido pelas crianças de ambos os sexos, e a vagina só virá a ser descoberta na fase da puberdade. Freud escreve que nessa fase existe somente a masculinidade, sendo que o par de opostos seria entre ser fálico e ser castrado, igualando a masculinidade a sujeito, atividade e pênis, e a feminilidade a objeto e passividade.

As tendências sexuais direcionadas a uma única pessoa - a escolha do objeto - ocorrem já de modo semelhante àquilo que ocorrerá futuramente na puberdade, se aproximando da forma final de sexualidade. Freud (1923/2011) destaca a existência de um interesse pelos genitais na infância, possuindo uma significação influente. É nesse momento que ele aponta que tanto para a menina quanto para o menino existiria apenas um genital - o masculino - a primazia do falo. A questão do monismo sexual só poderia ser descrita dentro do desenvolvimento psíquico do menino, pois, segundo Freud (1923/2011): “falta-nos o conhecimento dos processos correspondentes na

menina” (p.171). O menino percebe que há uma diferença entre mulheres e homens, mas, de início, não relaciona isso com os órgãos genitais de ambos, sendo lógico para ele que todos os outros seres vivos sejam semelhantes a ele.

No menino, o pênis, essa parte do corpo que lhe é tão cara, rica em sensações e lhe prende o interesse, mobiliza o seu impulso investigador e o leva a querer ver o órgão genital das demais pessoas para compará-los ao seu. É em meio a essas investigações, e especialmente ao observar os genitais de uma irmã, por exemplo, que o menino descobre que o pênis não é algo comum a todos. Frente a essa primeira visão da falta do pênis em uma menina, a primeira reação por parte do menino é recusar a ausência do mesmo, o que atenua sua angústia ao pensar que o órgão da menina é pequeno e vai crescer, para posteriormente deduzir que a menina já o possuiu em algum momento e ele lhe foi retirado - a castração -, o que o obriga a lidar com a fantasia de possível remoção do seu próprio pênis.

Freud (1923/2011) vai além e pontua: “sabe-se igualmente em que grau a depreciação da mulher, o horror da mulher, a disposição à homossexualidade derivam da convicção definitiva de que a mulher não possui pênis” (p.173). A partir dessa fala do autor, pode-se pensar no impacto que a mesma teve como uma das fontes do machismo dentro das sociedades ocidentais, pois Freud afirma com todas as letras que a inferiorização social da mulher decorreria do fato de ela não possuir um pênis.

Apesar disso, o resultado da investigação do menino - de que o pênis não é comum a todos - não é imediatamente generalizado para todas as mulheres. Ele começa a elaborar uma teoria sobre a falta do pênis ser uma consequência da punição da castração, que ocorreria, à princípio, apenas com as mulheres “indignas”, que possuiriam impulsos proibidos como os dele, o que resultaria na perda do genital. Ainda influenciado por essa teoria pessoal, mulheres como sua mãe, respeitadas, reteriam o pênis por muito mais tempo. Segundo Freud (1923/2011), nesse ponto do desenvolvimento, o menino ainda não associa ser mulher à ausência do pênis. Essa premissa irá se dissolver quando, ao perguntar sobre o nascimento das crianças, ele constata que somente a mãe pode gerar os filhos, de modo que ela perde o pênis que antes ele achava que ela possuía e, por vezes, elabora novas teorias para explicar a

permuta do pênis por uma criança. Mesmo assim, o genital feminino permanece desconhecido, pois a criança acredita que o bebê cresce no intestino da mãe e nasceria pela saída do seu sistema excretor.

Por fim, Freud (1923/2011) expõe que no desenvolvimento sexual infantil o menino já experimentaria a polaridade sexual (de gêneros) que é tão delimitada dentro da sociedade. Essa polaridade é introduzida com a escolha de objeto, pois pressupõe um sujeito e um objeto. Na organização pré-genital sádico-anal, a oposição se daria por ativo e passivo. Portanto, a organização genital introduz o masculino, mas não o feminino, e nesse momento a oposição se faz entre masculino e castrado. É somente na puberdade - estágio final do desenvolvimento sexual - que o feminino é introduzido, de forma que o masculino estaria associado ao sujeito, à atividade e à posse do pênis, enquanto o feminino assumiria o objeto e a passividade, sendo a vagina vista como abrigo do pênis, totalmente desligada de significação "fálica" para mulher, se considerarmos o ponto de vista freudiano.

Em 1924, Freud escreve "A Dissolução do Complexo de Édipo", em que pela primeira vez descreve diferentes desenvolvimentos da sexualidade em meninas e meninos, ao expor as razões e modalidades do complexo de Édipo. Ele mantém a posição de que a fase fálica é mantida até a puberdade para só depois dar lugar a organização genital propriamente dita. No menino, o complexo de castração encerra o complexo de Édipo. Ele vive um conflito entre as pulsões libidinosas dirigidas à mãe e o interesse narcísico direcionado ao seu pênis, sendo que o medo de o perder acaba prevalecendo e exterminando esses desejos incestuosos. Na menina, o complexo de castração, que é despertado pela visão do órgão sexual masculino e que levará a um sentimento de inveja do pênis e de inferioridade, é o promotor do Édipo feminino, uma vez que, na tentativa de compensar essa falta, ela se volta para a figura paterna, manifestando o desejo de ter um filho do pai para substituir a falta do pênis. Assim, o complexo de castração encerra o Édipo masculino e elicia o feminino. Por fim, Freud propõe que a menina se afasta do pai por não ter o seu desejo realizado e que não teme a castração por já ser castrada. Desse modo, no menino o Super-eu se forma pela introjeção da autoridade paterna, enquanto na menina são elementos externos como a educação e o temor de não ser mais amada que se constituem como

formadores do seu Super-eu.

No texto de 1924, Freud (1924/2011) destaca a importância que o Complexo de Édipo teria na primeira infância como fenômeno central e faz uma análise mais profunda dos resultados da repressão do complexo que abrem espaço para o período de latência. À título de esclarecimento, na menina o complexo de Édipo seria resolvido quando ela, o objeto único do amor do pai em sua própria fantasia, em algum momento é punida por este, que rompe com o paraíso no qual ela se encontrava. Já no menino, que enxerga a mãe como exclusivamente sua, a resolução do Édipo ocorreria ao notar que a mãe dirige seu carinho e amor a outrem.

Segundo Freud (1924/2011), o fim do Complexo de Édipo é inevitável, assim como as experiências aflitivas ligadas a esse fato. O complexo chegaria ao fim devido à impossibilidade interna dele acontecer. Freud vai além na discussão deste evento e apresenta uma segunda concepção para explicar o término deste complexo, afirmando que ele acabaria porque teria chegado o momento da sua desintegração, do mesmo modo que os dentes de leite caem para dar lugar aos permanentes. Para ele, as duas concepções são compatíveis entre si.

Posteriormente, Freud (1924/2011) observa que o desenvolvimento sexual infantil atinge um ponto em que o genital possui um papel dominante. Freud afirma que o genital ao qual ele se refere é apenas o masculino, mais especificamente o pênis, pois o feminino ainda não teria sido descoberto pelo garoto. Essa fase fálica, que coincide com a vivência do Complexo de Édipo, não se desenrola até a organização genital definitiva, mas é contida e substituída pelo período de latência.

Ainda discorrendo sobre o Complexo de Édipo, Freud (1924/2011) destaca que quando o garoto direciona sua atenção para o genital – o que pode ser observado pela manipulação frequente do mesmo – acaba por descobrir que isso gera desaprovação por parte dos adultos. De modo mais ou menos intenso, aparece a ameaça de que lhe irão extrair essa parte do corpo que ele tanto aprecia e, na maior parte das vezes, essa ameaça vem das mulheres, que evocam a imagem do pai ou do médico como a figura que irá realizar o castigo, como forma de fortalecer a sua autoridade sobre a criança. As próprias mulheres por vezes amenizam a ameaça ao dizer que não retirariam o genital, que é passivo, mas a mão que ativamente se encarrega do ato masturbatório.

A ameaça de castração que advém dos adultos é o que apaga a organização genital fálica da criança. Isso não ocorre repentinamente pois, no início, o garoto não confia nem obedece à ameaça. A experiência que faz finalmente o garoto acreditar na possível castração é a observação do genital feminino. Possuidor de um pênis, ao observar a região genital de uma menina, o garoto tem que se convencer da falta do pênis em um ser tão parecido com ele. O fato de a menina não possuir o mesmo genital que ele, torna viável a perda de seu próprio pênis, de modo que a ameaça de castração começa a ter efeito no garoto a partir desta experiência.

Nesse ponto, Freud (1924/2011) ressalta que não se deve ignorar a vida sexual do garoto e que este se encontra em uma atitude edípica com seus pais, em que a masturbação é somente uma descarga genital da excitação sexual própria do complexo, tendo sua importância em épocas posteriores do seu desenvolvimento sexual. O complexo de Édipo ofereceria duas alternativas de satisfação ao menino: uma ativa e/ou passiva. A primeira seria o garoto, masculinamente, tomar para si o lugar do pai e como este relacionar-se com a sua mãe, sendo nesse caso o pai identificado como um obstáculo. Na segunda, o menino se identifica com e quer substituir a mãe e obter o amor do pai, e a mãe não tem mais importância para ele. O menino só teria uma ideia escassa de como se daria uma relação sexual e tem certeza de que o pênis participa dela. Neste caso, ele ainda não teria porque acreditar que a mulher também não possuiria um pênis. Ao perceber que a castração é possível, perceber que a mulher é castrada porque ela não possui um pênis, acaba com as duas possibilidades de obter satisfação do complexo de Édipo, visto que as duas levariam à perda do genital, a masculina, que seria como castigo, e a feminina, como suposição. Assim, se para obter satisfação amorosa dentro do complexo de Édipo o pênis seria retirado dele, o menino entra em embate entre o seu interesse narcísico pelo próprio genital e o investimento edípico que ele faz sobre os pais, em que o primeiro vence, o Eu da criança abdica da investidura libidinosa sobre a figura dos seus pais.

Os investimentos objetivos são esquecidos e dão lugar à identificação. O Eu interioriza a autoridade do(s) pai(s), formando então a essência do Super-eu, que se apropria da severidade do pai e instaura a proibição do incesto, assegurando o Eu contra o regresso do investimento libidinal do objeto. Em parte, essas tendências libidinais edípicas são dessexualizadas e sublimadas, e, em parte, interditadas na meta

e transformadas em impulsos afetivos. Por um lado, toda essa mudança salva o pênis, afastando dele o perigo da perda, e, por outro, o paralisa, bloqueando sua atividade, de modo que há o início do período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança.

Em relação ao distanciamento do Eu do complexo de Édipo, Freud não enxerga problemas em chamá-lo de repressão, mesmo que em momentos posteriores as repressões aconteçam com a atuação do Super-eu, que nesse ponto ainda está sendo formado. Porém, o autor indica que esse processo é mais do que uma repressão. Quando elaborado de maneira ideal, ele levaria a uma destruição e abolição do complexo. Nessa altura, Freud afirma que nos defrontamos com uma linha divisória entre o normal e o patológico, linha esta que não é bem delimitada. Se não foi realizada mais do que uma repressão do complexo pelo Eu, o conflito edipiano persevera inconscientemente no Id, manifestando posteriormente sua ação patogênica (FREUD, 1924/2011).

Após apontar que o processo que ele vinha descrevendo se referia à criança do sexo masculino, Freud (1924/2011) indaga como seria o desenvolvimento desse processo na menina pequena, indicando que, sobre esse tema, inexplicavelmente o material se torna obscuro e insuficiente.

Freud deixa claro que a menina também desenvolve um complexo de Édipo, um Super-eu e um período de latência, mas se pergunta se também haveria uma organização fálica e um complexo de castração, concluindo que sim, mas, segundo ele, de modo diferente da experiência dos meninos. Quando adentra nessa discussão, Freud menciona o movimento feminista da época, afirmando que a exigência feita de igualdade entre os sexos não obteria espaço neste ponto da teoria porque a diferença morfológica teria que se manifestar em diferença psíquica, já que, utilizando uma frase de Napoleão Bonaparte, anatomia é destino. Em um primeiro momento, o clitóris da menina se comportaria como um pênis, mas, ao compará-lo com um amigo de brincadeiras ou irmão, a garota perceberia que teria “saído perdendo”, sentindo-se em desvantagem e inferioridade. Momentaneamente, ela se consolaria com a esperança de, posteriormente, quando crescesse, viesse a possuir um genital como o do menino. A partir disso, o autor destaca o complexo de masculinidade da mulher, em que a garota não compreende a falta de pênis como uma característica sexual, explicando

essa ausência pela suposição de já ter possuído um membro do mesmo tamanho e que o teria perdido devido à castração. A menina não generaliza essa dedução para as mulheres adultas, acreditando que elas teriam um genital grande e completo, masculino. Desta forma, Freud destaca o que ele considerou como diferença essencial entre a menina e o menino: ela aceita a castração como dada aprioristicamente, ao passo que o menino a teme (FREUD, 1924/2011).

Como a menina não teme a castração, não haveria uma forte razão para a constituição do Super-eu e a destruição da organização genital infantil. Mais evidenciadas do que no garoto, essas transformações aparentam ser resultantes da educação, da intimidação externa, que advertem a possível ausência de amor por parte dos pais. Na menina, segundo a experiência do autor, dificilmente o complexo iria além da substituição da mãe e da postura feminina diante do pai. A abdicação do pênis não é realizada sem um esforço de compensação, feita através de equivalência simbólica, que vai do pênis ao bebê, o que culmina seu complexo de Édipo no desejo de ganhar um filho do pai como presente, de gerar um filho dele.

O complexo de Édipo vai sendo renunciado aos poucos pela menina, visto que esse desejo não se realiza. Porém, dois desejos continuam presentes no inconsciente, o de possuir um pênis e um filho, e, segundo Freud, ambos “ajudariam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual” (FREUD, [1924] 2011, p.213).

Seguindo sua linha de raciocínio teórico, Freud escreve “Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos” (1925), em que discute no âmbito do complexo de Édipo da menina como ela abandona a mãe e elege o pai como objeto de investimento. Freud responde que a decepção gerada pela ausência do pênis levaria a menina ao afastamento da mãe, com a acusação de que esta amaria mais os outros filhos, isto é, aqueles que possuem um pênis. Desse modo, ela para de se masturbar por ficar decepcionada com seu clitóris (SILVA E FOLBERG, 2009) e, então, renuncia ao pênis e o substitui pelo desejo de ter um filho de seu pai, de modo que a mãe passa a ser vista como rival frente à realização desse desejo.

Assim como no texto do ano anterior, Freud (1925) considera que o complexo de Édipo masculino sucumbe ao complexo de castração, enquanto o feminino seria uma formação secundária. O complexo de Édipo feminino só se torna possível por conta do complexo de castração, sendo que, por sua vez, este inibe nos dois sexos a

masculinidade e favorece a feminilidade. Para Freud, a diferença do complexo de castração nos dois sexos deve-se às diferenças anatômicas. Segundo Recalde (apud Bonfim e Costa, 2014, p. 232-233): “a menina entra no Édipo pelo mesmo motivo que o menino sai: o complexo de castração. Freud não renunciará nunca a esta assimetria inquestionável”.

No texto de 1925, Freud afirma que o objeto de estudo que ele normalmente adota quando se trata da organização psíquica da sexualidade infantil é o garoto pequeno. Segundo ele, o processo seria semelhante na menina pequena, mas com alguma diferença. No entanto, em que fase do desenvolvimento esta diferença se daria era o que não estava explícito.

No desenvolvimento do menino, o complexo de Édipo é algo que se reconhece facilmente, visto que o garoto percebe o pai como um adversário inconveniente do qual ele tem vontade de se livrar e assumir seu papel. A atitude edipiana da criança do sexo masculino aconteceria durante a fase fálica, sendo extinguida pela ameaça de castração. O Édipo do menino também pode ter duplo sentido, ativo ou passivo, o que se assemelha à disposição bissexual: “o garoto quer também assumir o lugar da mãe como objeto amoroso do pai, o que designamos como postura feminina” (Freud, [1925], 2011, p.287).

Em relação à história pré-edípica no menino, esta não seria inteiramente cognoscível. Freud (1925) pontua que existe uma identificação harmoniosa com pai, ainda livre da rivalidade perante a mãe. A masturbação também é comum neste período através do genital e do onanismo infantil, sendo que sua supressão por parte dos adultos ativa o complexo de castração. O autor ainda supõe que esse onanismo estaria relacionado ao complexo de Édipo e daria início à descarga de sua excitação sexual.

Sobre o complexo de Édipo da menina, Freud (1925) se indaga como a menina abandona a mãe, seu primeiro objeto de amor, para tomar o pai como objeto. Para abordar essa questão, o autor se propõe a investigar a longa história pré-edípica da garota. Além disso, segundo ele, o complexo de Édipo na menina teria um caráter secundário. Mas na menina, diferentemente do menino, o próximo passo não é a vinculação da masturbação com os investimentos objetais do complexo de Édipo, mas sim descobertas que ela vem a fazer. Ela observa o pênis de um irmão ou companheiro

de brincadeiras, percebendo a visibilidade e o tamanho deste órgão, “reconhece-o de imediato como a superior contrapartida de seu próprio órgão pequeno e oculto, e passa a ter inveja do pênis” (Freud, [1925], 2011, p.290).

O autor compara então o comportamento de ambos os sexos pois, em situação similar, quando o menino vê pela primeira vez o genital da menina fica indeciso e indiferente: ou nada vê ou se recusa a enxergar, buscando explicações para suavizar o que ele esperava ver ali e não contempla. Posteriormente, frente a um prenúncio de castração, a observação que fez terá efeito significativo, fazendo-o crer na real possibilidade da ameaça de castração que estava sendo ignorada. Freud (1925/2011) conclui que essa associação levaria a duas reações:

que podem se tornar fixas e então, separadamente ou juntas, ou em conjunção com outros fatores, determinarão permanentemente sua relação com as mulheres: aversão à criatura mutilada ou triunfante menosprezo dela. Mas esses desenvolvimentos pertencem ao futuro, se bem que a um futuro pouco distante. (Freud, [1925], 2011, p.290-291)

Na menina, segundo Freud (1925), ela não negaria ou tentaria propor teorias para o que vê de diferente no menino. Ela vê o pênis, sabe que não o tem e passa a quer tê-lo. É nesse momento que aparece o complexo de masculinidade da mulher, que, para Freud (1925/2011), se desenvolve como obstáculo para o desenvolvimento esperado rumo à feminilidade caso não seja superado rapidamente. A menina mantém a expectativa de ainda ter um pênis, o que pode se manter por um período longo e ser a causa de atos peculiares. Ou, ainda, pode acontecer a recusa da menina em admitir sua castração e a convicção de que é possuidora de um pênis, o que a leva a agir “como se fosse um homem”. Para Freud (1925), caso isso persista até a vida adulta pode evoluir para um quadro de psicose.

As repercussões psíquicas da inveja do pênis não estão atreladas ao complexo de masculinidade. Elas são inúmeras e de longo alcance. A identificação da ferida narcísica produz na mulher um sentimento de inferioridade. Uma primeira tentativa de explicar a falta do pênis decorre de um castigo pessoal e é superada quando a menina compreende a universalidade dessa característica sexual, de modo que ela começa a compartilhar o menosprezo do homem por um sexo reduzido (FREUD, 1925/2011).

Segundo Freud (1925/2011), apesar de o pênis ter sido refutado, a inveja do mesmo não desaparece, permanecendo com um deslocamento do ciúme. Ele afirma:

“claro que o ciúme não é próprio de um sexo apenas, e se fundamenta numa base mais ampla, mas acho que desempenha um papel muito maior na vida psíquica da mulher, porque obtém um enorme reforço da fonte que é a inveja do pênis desviada” (Freud, [1925], 2011, p.293).

Outro possível desdobramento da inveja do pênis apresentado por Freud é o enfraquecimento da relação afetiva com o objeto materno. O autor afirma que a menina enxerga a mãe como culpada pela sua falta de pênis. Ao constatar a desvantagem que tem no genital, a menina passa a ter ciúme dessa outra criança que, ao que tudo indica, é mais amada pela mãe. Essa conjuntura fornece elementos para a menina se desapegar do vínculo materno.

Um terceiro resultado da inveja do pênis, que Freud iguala à descoberta da inferioridade do clitóris, teria a ver com a masturbação. Freud pontua que dentro da sua clínica teria desenvolvido a percepção de que, via de regra, a mulher toleraria menos a masturbação do que o homem, que ela se esquivaria mais e não a utilizaria diante de uma situação na qual o homem não hesitaria em recorrer à mesma. Ele destaca que existem exceções a esta assertiva, pois ambos os sexos teriam traços masculinos e femininos. Para Freud (1925/2011, p. 294):

(...) continua a parecer que a natureza da mulher se acha mais distante da masturbação, e para resolver o problema colocado podemos aduzir a reflexão de que pelo menos a masturbação do clitóris seria uma prática masculina, e que uma condição para o desenvolvimento da feminilidade seria a eliminação da sexualidade clitoridiana.

Analisando o período fálico da menina, o autor afirma que seria a partir da inveja do pênis que surgiria essa rejeição à masturbação, que não estaria somente atrelada à influência dos cuidadores da garota. Esse fator seria um sinal do afluxo repressivo que estaria por vir, que por sua vez irá apagar boa parte da sexualidade masculina na puberdade, abrindo espaço para a feminilidade se desenvolver.

Segundo Freud (1925/2011), a aversão à masturbação fálica (clitoriana) seria pelo fato de essa ação prazerosa estar atrelada a um fator que a estragaria. Este fator seria a humilhação narcísica, relativa à inveja do pênis, que para menina não estaria no mesmo patamar que os meninos, de modo que ela desistiria de concorrer com eles:

O reconhecimento da diferença sexual anatômica impele a menina a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, em direção a

novas trilhas que levam ao desenvolvimento da feminilidade (Freud, [1925], 2011, p.295).

Na relação da menina com a inveja do pênis, o autor destaca que o complexo de Édipo não possui atuação. Porém, a libido da garota se transforma. Ela desiste de possuir um pênis e passa a desejar ter uma criança, tomando o pai como objeto amoroso e a mãe como alvo do ciúme. Se, posteriormente, esse vínculo com o pai falhar e for descartado, pode ocorrer uma identificação com o pai, o que faria a menina retornar ao complexo de masculinidade e talvez se fixar nele.

Neste ponto do texto, Freud (1925/2011) retoma que o complexo de Édipo na menina seria uma formação secundária, sendo o complexo de castração a condição prévia para o seu desenvolvimento. Essa relação entre os dois complexos aconteceria de formas diferentes na menina e no menino. No garoto, o complexo de castração encerra o complexo de Édipo. Já na menina, o Édipo só é possível devido ao complexo de castração. Esta diferença é produto da diferença anatômica dos genitais e de toda conjuntura psíquica a eles relacionada; um corresponde à castração realizada e o outro corresponde apenas à ameaça dela.

Freud (1925/2011) avança a discussão, apresentando que no menino o complexo de Édipo não é somente reprimido, mas sim destruído pelo prenúncio da castração. Os investimentos libidinais são esquecidos e em parte sublimados, os objetos incorporados ao Eu, que formam o núcleo do Super-eu. Para ele, o caso ideal seria não subsistir mais um complexo de Édipo no inconsciente, sendo o Super-eu o seu herdeiro. Na menina, não haveria razão para a aniquilação do complexo de Édipo. A castração já é tomada como dada e induz a criança até o Édipo, e, por esse motivo, não tem o mesmo destino que no garoto, podendo o Édipo ser abolido frente à repressão ou suas decorrências podem existir ao longo da vida psíquica normal de uma mulher. Aqui, o Super-eu nunca será tão impessoal como o é no homem e essa característica seria o fundamento de certos atributos designados a mulher, como ter um menor senso de justiça do que o homem e se guiar pelas emoções ao tomar decisões.

Freud renuncia às diferenças sexuais anatômicas descritas em 1925 em seu estudo chamado "Sobre A Sexualidade Feminina" (1931), dando nova ênfase à intensidade e duração da ligação pré-edipiana da menina à mãe. Neste artigo, ele descreve que existe uma forte conexão da menina com a mãe antes dela se ligar ao

pai, o que persiste até os quatro ou cinco anos. Freud afirma: “(...) foi necessário admitir a possibilidade de que um certo número de mulheres se detém na original ligação com a mãe e jamais se volta realmente para o homem”(Freud, [1931], 2014, p.373), ou seja, destaca que existem mulheres que permanecem nessa ligação primordial com a mãe e nunca completam a mudança de objeto. Ele aponta que essa fase é mais importante do que ele havia suposto até então, afirmando que a universalidade do complexo de Édipo precisaria ser repensada ao se levar em conta o Édipo negativo nas meninas, que é quando estão ligadas à mãe e consideram o pai um rival, mesmo que não o hostilizem tanto quanto os meninos.

A visão do órgão feminino pelo menino gera a angústia e o próprio complexo de castração, que, por sua vez, leva à destruição do complexo de Édipo, ao desinvestimento da mãe e à criação do Super-eu, sendo que uma das consequências do mesmo é uma depreciação da mulher como um ser castrado. A menina reconhece sua condição de castração e o menino, com seu pênis, protesta contra esse estado, restando-lhe três saídas: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade.

Na obra supracitada, Freud (1931/2014) afirma que no complexo de Édipo considerado normal a criança se ligaria afetivamente ao genitor do sexo oposto, enquanto em relação ao genitor do mesmo sexo haveria hostilidade. No caso do menino, isso é evidente, pois a mãe constitui o seu primeiro objeto de amor e, com o entendimento do menino da relação dos pais, o pai assume para ele o lugar de rival. Na menina, esse processo é diferente porque a mãe também é seu primeiro objeto de amor, de modo que Freud indaga sobre a partir de qual ponto a menina renuncia à mãe e direciona seus impulsos libidinais ao pai. O autor complementa: “há algum tempo vimos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pela tarefa de abandonar a zona genital originalmente dominante, o clitóris, por uma nova, a vagina” (Freud, [1931], 2014, p.372). Ele diz que a menina passaria por uma segunda transformação, justamente a troca da mãe pelo pai como objeto de desejo.

Continuando, Freud (1931/2014) afirma que há muitas mulheres que têm um laço intenso com o pai, mas que isso não necessariamente atribuiria um caráter neurótico a elas. Nesses casos, dois fatos chamaram a atenção do autor. Um deles foi que, à medida que havia uma ligação forte da menina com o pai, anteriormente tinha

ocorrido uma fase de exclusiva vinculação com a mãe, igualmente forte e apaixonada. O outro fato expõe o quanto a durabilidade desse vínculo foi subestimada, sendo que em grande número de casos iria até os 4 ou 5 anos de idade, o que englobaria quase que totalmente o primeiro desenvolvimento sexual. Freud vai além e esclarece a necessidade de: “(...) admitir a possibilidade de que um certo número de mulheres se detém na original ligação com a mãe e jamais se volta realmente para o homem” (Freud, [1931], 2014, p.373). Nesse ponto da teoria psicanalítica, a fase pré-edípica na mulher passa a ter uma relevância que até então não possuía.

O autor então aponta para a inevitabilidade de se abandonar a universalidade do argumento de que o complexo de Édipo seria o cerne da neurose, uma vez que a fase pré-edípica na menina poderia conter todas as fixações e repressões que remontariam ao surgimento das neuroses. Porém, Freud (1931/2014) também afirma que essa correção sobre o complexo não é inquestionável pois, se por um lado, o complexo de Édipo pode ter um conteúdo mais amplo, incluindo todas as relações da criança, com ambos os genitores, por outro, também pode considerar as novas experiências, destacando que a mulher só atinge a situação edípica positiva apenas quando supera uma fase anterior, o complexo negativo. Durante essa fase negativa, o pai é até um rival incômodo para a garota, porém essa rivalidade nunca alcança a mesma proporção que para os meninos.

Essa primeira ligação com a mãe não foi de compreensão simples dentro do trabalho analítico. Segundo Freud, “(...) bastante remoto, penumbroso, quase impossível de ser vivificado, como se tivesse sucumbido a uma repressão particularmente implacável” (Freud, [1931], 2014, p.374). O autor levanta a hipótese de que isto provavelmente estaria relacionado com o fato de as mulheres no processo analítico conseguirem estabelecer com ele a mesma ligação que tinham com o pai, refugiando-se da fase anterior em questão. Por outro lado, quando a análise era conduzida por uma mulher, e ele fornece o exemplo de Helene Deutsch, pode-se perceber a importância desta fase pré-edípica com maior facilidade, devido à transferência e ao substituto materno adequado.

Como consequência disso, Freud destaca que não houve nenhum caso que ele obteve sucesso em adentrar inteiramente no desenvolvimento sexual da menina, de modo o que ele expõe neste trabalho é fruto de resultados e observações mais gerais.

Freud (1931/2014) propõe que essa fase de ligação da menina com a mãe pode estar intimamente ligada à base da histeria, o que não seria uma surpresa “(...) se considerarmos que as duas, tanto a fase como a neurose, estão entre as características especiais da feminilidade, e, além disso, que nessa dependência da mãe se acha o germen da paranoia posterior da mulher” (Freud, [1931], 2014, p.375). Essa paranoia da menina seria a de ser morta/devorada pela mãe, em que esse medo poderia corresponder uma hostilidade que a criança desenvolveria em relação à mãe em decorrência das várias restrições implicadas na educação e no cuidado corporal.

Em seguida, Freud (1931/2014) propõe a articulação desta nova descoberta - a importância da fase pré-edípica na mulher - como o que já era sabido acerca do desenvolvimento sexual feminino. Ele começa afirmando que, além de ser parte da composição humana, a bissexualidade parece ser mais perceptível na mulher do que no homem. Enquanto o homem só teria um órgão sexual que dirige o seu desenvolvimento, a mulher teria dois, a vagina, feminina, e o clitóris, que seria análogo ao pênis. A vagina demoraria para ter destaque no desenvolvimento feminino, como se não existisse e somente na época da puberdade viria a produzir sensações. Já na infância da mulher, o que se destaca de genitalidade é o clitóris.

Assim, o autor divide a via sexual da mulher em duas épocas: a primeira que teria uma natureza masculina e a segunda que teria uma natureza feminina. No homem, não há nenhuma analogia com essa transição. Concomitantemente a essa diferença, outra também acontece no campo da busca de objeto. No menino, o primeiro objeto é mãe, por razão dos cuidados de alimentação e higiene que ela despendeu até ser substituída por alguém de natureza semelhante. A mãe também é o primeiro objeto da menina. Porém, o pai tem que se tornar o novo objeto de amor. Para o autor, à princípio, as regras do complexo de Édipo se aplicariam para ambos os sexos, apesar das diferenças no desenvolvimento de ambos, identificadas por Freud. Assim, ele não aceita o complexo de Electra como simétrico ao complexo de Édipo para a menina, pois seria somente fazer uma equivalência entre ambos, uma troca de nomes, não retratando de fato a diferença de desenvolvimento sexual que há entre eles.

O amor do menino por um genitor e o ódio concomitante ao outro com o qual ele rivaliza, bem como a possibilidade da castração concebida depois da visão dos genitais femininos, só ocorreriam no menino. O complexo de castração pode deixar como rastro

um certo menosprezo pela mulher, por ser percebida como castrada, e Freud afirma que em: “casos extremos, isso dá origem a inibição na escolha do objeto e, se concorrem fatores orgânicos, homossexualidade exclusiva” (Freud, [1931], 2014, p.378).

Já na mulher os efeitos da castração são outros: ao admitir que é castrada, reconhece a superioridade do homem e sua própria inferioridade, sem deixar de se indignar contra isso. Deste fato, pode se desdobrar três orientações distintas de desenvolvimento. A primeira seria um afastamento da sexualidade de forma geral pois, quando compara o seu clitóris ao membro do menino, fica insatisfeita, renuncia à atividade fálica e, portanto, à sexualidade em si mesma, tal qual à sua masculinidade em outros campos. A segunda orientação seria uma autoafirmação, ao atrelar-se à masculinidade ameaçada, em que a expectativa de possuir um pênis persiste até uma época tardia, sendo transformada em objeto de vida e esse complexo de masculinidade poderia resultar em uma escolha homossexual de objeto. A terceira orientação seria a configuração feminina normal, que assume o pai como objeto, alcançando a forma feminina do complexo de Édipo.

Por fim, o autor diz que na mulher o complexo de Édipo seria resultado de um longo processo e não seria destruído, mas sim criado a partir do complexo de castração, sendo que na maioria das vezes não é superado pela mulher. Os resultados da desintegração do complexo de Édipo são menos significativos, não sendo “errado dizer que essa diferença na relação entre o complexo de Édipo e o da castração marca indelevelmente o caráter da mulher como ser social” (Freud, [1931], 2014, p.379).

Há essa ligação restrita à mãe, Freud (1931/2014) dá o nome de pré-edípica e que essa fase teria uma importância maior no desenvolvimento da mulher do que no do homem. Ele afirma que muitas das manifestações sexuais femininas, antes não explicadas pela teoria, tem essa explicação ancoradas nessa fase. Um exemplo utilizado pelo autor seria a mulher que escolhe um marido parecido com seu pai, mas que revive com ele a relação não tão boa que mantinha com a mãe, em que a relação original - que foi com a mãe - ressurgiu da repressão, sendo esse traslado da ligação afetiva com objeto materno para o paterno, protagonista no processo de desenvolvimento que guiaria à feminilidade.

Freud volta-se então para os mecanismos que operam no afastamento do objeto materno, tão amado e exclusivo, sendo vários os fatores que atingem o mesmo fim. Alguns deles seriam condicionados às circunstâncias gerais da sexualidade infantil, de forma a corresponder tanto à garota como ao garoto. O primeiro fator a ser mencionado é o do ciúmes, de outras pessoas, dos irmãos, dos rivais, em que o pai também se encontra. Outro fator é o fato deste amor ser incapaz de obter satisfação plena, estando destinado a um fim em decepção e atitude agressiva pois a libido faz com que se abandone essa posição insatisfatória para buscar outras.

Uma razão mais específica para o distanciamento da menina em relação à mãe é consequência dos efeitos do complexo de castração sobre a garota. Em algum ponto do seu desenvolvimento, ela descobre a sua “inferioridade” física, ao se deparar com um semelhante do outro sexo. Três dimensões aparecem, 1) a da interrupção da vida sexual; 2) a da intensificação da masculinidade; 3) a que encaminha a feminilidade definitiva. Freud (1931/2014) não precisa quanto tempo dura cada dimensão ou um curso definido de eventos, até porque diz que a descoberta da castração é variável e os outros fatores, dependentes do acaso. A condição da atividade fálica da garota também é considerada um fator, além do fato se ela é descoberta ou não e o quanto é sentido o impedimento depois da descoberta.

A visão do genital masculino evidenciaria para a menina pequena o seu *defeito*³, que não é aceito sem dificuldade e relutância. A esperança de algum dia ainda possuir um pênis é mantida insistentemente, por bastante tempo. A princípio, a criança vê a castração como uma tragédia individual, para depois abranger outras crianças e por último, alguns adultos. A percepção da castração, como negativa, leva a uma desvalorização da feminilidade, conseqüentemente, da mãe.

O motivo mais forte para esse distanciamento da mãe, no final dessa fase de ligação, seria a censura de que a mãe não teria dado à menina um genital “verdadeiro”. Entretanto o autor aponta que mesmo que revisitássemos todos os fatores para esse afastamento, eles não seriam suficientes para explicar toda a hostilidade final, de modo que Freud (1931/2014) chega à conclusão que talvez essa tenha somente que acabar, devido sua tamanha intensidade e por ser a primeira, acabando pelo fato da conduta amorosa fracassar pelas decepções e desejos de agressão acumulados. Deste modo,

³ Destaque adicionado pela autora deste trabalho.

compreendemos que a relação pré-edípica da menina com a mãe é extremamente ambivalente e posteriormente, acompanhada por outros fatores, é justamente essa ambivalência que impele o distanciamento.

Em seguida, Freud (1931/2014), explora o que ocorre dentro desta relação, sendo as expectativas que a menina tem da mãe tanto ativas como passivas, determinadas pelas fases da libido que a menina esteja atravessando. Na vida psíquica da criança, uma impressão obtida passivamente fomenta uma inclinação a uma reação ativa, buscando realizar o mesmo que foi feito nela ou com ela antes. A própria brincadeira pode ser um complemento de um experiência passiva com uma ação ativa. Fica aparente a insubmissão a passividade e uma inclinação a atividade. Essa transição - do passivo para o ativo - não ocorre da mesma maneira em todas as crianças e diz muito a respeito da força da masculinidade e da feminilidade que ela terá na sua sexualidade.

Na relação com a mãe, segundo Freud (1931/2014), às primeiras experiências sexuais são de caráter passivo pois, ela é alimentada, nutrida, limpada, vestida e ensinada a fazer as coisas através dos pais. A libido da criança então se divide, em que uma parte se prende a essas vivências, desfrutando dos seus deleites e a outra parte busca modificá-las ativamente. Um exemplo disso seria quando a amamentação é substituída pelo mamar ativo. A criança se satisfaz ou com a autonomia ou com a repetição ativa de vivências que ela viveu como passivas.

No ato de brincar de boneca, a menina consegue realizar os desejos ativos em relação à mãe indiretamente, quando ela mesma faz o papel da sua mãe e a boneca faz o papel da filha. Para o autor, o interesse pelas bonecas seria visto como um traço da feminilidade que desperta mais cedo. Ele não ignora o caráter ativo que neste caso a feminilidade tem, porém diz que esta preferência estaria ligada a exclusividade relacionada à mãe, negligenciando o objeto-pai.

Dentro desta relação com a mãe, a partir dos impulsos passivos da fase fálica, geralmente a menina condena a mãe por seduzi-la, devido ao fato de ter tido as primeiras, ou mais fortes sensações genitais a partir dos cuidados de higiene recebidos por parte da mãe. Desta forma, a mãe acaba por iniciar a criança na fase fálica e Freud (1931/2014) atribui a isso o episódio de que nas fantasias, em anos ulteriores, o pai aparecer tão frequentemente como o sedutor sexual, visto que ao haver o

distanciamento da mãe, acaba que a introdução na vida sexual seja transferida para o pai. Na fase fálica também existem desejos de natureza ativa relacionados à mãe. Existe uma masturbação no clitóris, na qual provavelmente a menina pensa na mãe, mas o autor diz que não se consegue estabelecer se há uma meta (forma de satisfação) sexual e qual seria ela.

O distanciamento da menina em relação à mãe, para Freud (1931/2014) é essencial para o desenvolvimento da garota e que é a partir desta separação há uma expressiva diminuição dos impulsos sexuais ativos e um aumento dos passivos, assim como o abandono da masturbação clitoriana, e a junto com a repressão da masculinidade da menina, não é incomum que uma parte significativa do seu interesse sexual fique prejudicada. Este cenário seria propício para o desenvolvimento da feminilidade, a não ser que seja restringido por vestígios da superada relação pré-edípica com a mãe.

Em 1933, Freud escreve uma seção intitulada “Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise”, em que retoma os textos de 1925 e 1931 em que há um capítulo chamado “A Feminilidade” (1933). Ao rever suas posições anteriores, Freud destaca ainda mais o papel do complexo de castração no desenvolvimento psicosssexual da mulher. Nesta obra, destaca que os comportamentos são considerados “viris” ou “femininos” sob a ótica psicológica, mas que na ótica da anatomia ou da convenção social “viril” é entendido como “ativo” e “feminino” como “passivo”. No entanto, segundo ele, confundir passividade com feminilidade e masculinidade com atividade é um grande erro, uma vez que, por exemplo, na relação mãe e filho é esta o elemento ativo. Nesse ponto, ressalta que as regras sociais e a própria constituição feminina forçaram as mulheres a reprimir seus instintos agressivos. Para Freud, dessa situação é que decorrem as formações de tendências fortemente masoquistas voltadas para dirigir para a própria mulher as erotizações: o masoquismo é, portanto, essencialmente feminino (SILVA E FOLBERG, 2009).

Por fim, nesse último trabalho em relação ao feminino, Freud (1933) afirma que a menina reage à sua condição de castração por intermédio de três saídas: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade. Este trabalho discorre sobre a saída pela feminilidade, a qual Freud descreve como sendo a capacidade de a mulher realizar um deslizamento simbólico ao abrir mão do objeto materno e se dirigir ao pai,

repousando nele o desejo por um filho, sendo essa passagem um representante do estabelecimento de um desejo feminino por excelência. Segundo Freud, “sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado” (Freud, 1933/1972, p. 128).

Nessa conferência, Freud (1933/1972) deixa de forma mais explícita que o comportamento masculino não coincidiria com atividade e o feminino com passividade, dando como exemplo o fato de que a mãe com o seu bebê seria ativa para com seu filho. Porém, em seguida, ele mesmo afirma que se pode considerar a preferência por fins passivos, como característica psíquica da feminilidade, e que a participação da mulher na função sexual, com tendência ao passivo, poderia vir a servir como modelo para sua vida.

Como esse é um dos últimos textos que Freud (1933/1972) escreve especificamente sobre o feminino, ele começa a introduzir algumas reflexões como,

“Devemos (...) não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva. Tudo isso ainda está longe de uma elucidação. Existe uma relação particularmente constante entre feminilidade e vida instintual, que não devemos desprezar. A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente (...)” (Freud, [1933], 1972, p.116).

Ele reconhece a construção social que é imposta à mulher. Entretanto, ele aponta a supressão da agressividade beneficiaria o surgimento de impulsos masoquistas, sendo o masoquismo exclusivamente feminino. Ele disse que não deveríamos associar feminino a mulher, mas ele mesmo diz “Nesses indivíduos humanos (...) mediante a posse de genitais femininos, são caracterizados como manifestamente ou predominantemente femininos” (FREUD, [1933], 1972, p.117), ao se referir a mulher.

Ele ainda complementa que o objetivo da psicanálise não é apontar o que é uma mulher, mas como essa mulher se forma.

As fases iniciais do desenvolvimento libidinal seriam experienciadas da mesma maneira por ambos os sexos e que na fase sádico-anal as meninas ainda apresentariam uma agressividade expressiva, apesar que o esperado fosse que já

houvesse uma diminuição desta na menina. Ainda na fase fálica, as diferenças ainda não marcam presença frente às semelhanças entre eles. Freud diz “(...) somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho” (FREUD, [1933], 1972, p.118). No menino, há a obtenção de sensações prazerosas a partir do seu pênis, que eles relacionam com suas ideias de relação sexual. A menina faz o mesmo, só que a partir do seu clitóris, sendo que a vagina, que seria o órgão verdadeiramente feminino, ainda não teria sido descoberto nem pela menina nem pelo menino. Seria somente na passagem para a feminilidade, que a sensibilidade e importância do clitóris seria transferida para a vagina. Essa seria a primeira tarefa que a menina deveria realizar ao longo do seu desenvolvimento.

A segunda seria a passagem do primeiro objeto de amor, a mãe, para o objeto de amor definitivo, o pai, de modo que a menina, o desenvolvimento para chegada na feminilidade, precisaria passar pela mudança de zona erógena e de objeto, enquanto o menino mantém ambos. Freud (1933/1972) pergunta-se “como passa ela da fase masculina para a feminina, à qual biologicamente está destinada?” (FREUD, [1933], 1972, p.119).

Neste artigo, Freud (1933/1972), volta a ressaltar a importância da vinculação inicial da menina com a mãe, que boa parte do que se encontra na relação com o pai, esteve presente nesta relação inicial, e foi transferido para o pai. O autor afirma que a mulher só pode ser entendida, se a ligação pré-edípica com a mãe for valorizada.

Desta forma, será necessário explorar a estrutura das relações libidinais da garota com a sua mãe, que podem possuir diferentes formas. Freud (1933/1972) aponta que como essa ligação persiste durante as três fases da sexualidade infantil, esta pode assumir características de cada fase, representada por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Estes são ambivalentes, apresentando tanto uma natureza carinhosa, como uma hostil e agressiva. Uma formulação que é feita na fase fálica é o desejo da menina de ter um filho da mãe e o desejo análogo de ela mesma ter um filho.

Em seguida, Freud (1933/1972), põem-se a responder a pergunta de como a intensa vinculação da menina com a mãe chega ao fim e atinge seu destino habitual, que é dar lugar a uma ligação para com seu pai. Ele coloca que esse momento do desenvolvimento não abrange somente uma pequena troca de objeto. Para isso ocorrer, é preciso que haja hostilidade da menina em relação à mãe, essa ligação

termina em ódio, que pode ser muito influente e durar a vida toda. Essa animosidade está atrelada a uma lista de queixas contra a mãe.

Uma primeira acusação da mãe, pela menina, seria a de que esta deu à ela muito pouco leite, que para a criança é justificada como falta de amor. Normalmente, a figura da pessoa que nutre, se funde com a figura da mãe e quando isso não acontece, a criança passa a censurar a mãe por outra coisa, que a pessoa que a amamentou com tanta vontade, foi jogada fora pela mãe. O autor coloca isso como resultado da avidez da criança por esse primeiro alimento e o fato que a perda do seio materno é um sofrimento insuperável para ela.

A segunda acusação contra a mãe desponta quando surge um novo bebê. Há uma conexão com a frustração oral anterior, de que a mãe não iria dar mais leite para a criança, porque iria dar o alimento para o recém-chegado, ainda mais quando a diferença de idade é pequena e a censura bate em uma base real (a gravidez atrapalha o período de lactação). A criança se sente destronada e pode nutrir um ódio em relação ao rival e um ressentimento em relação à mãe infiel, o que demonstra com a mudança de seu comportamento. Freud (1933/1972) completa:

As mais intensas frustrações ocorrem no período fálico, se a mãe proíbe a atividade prazerosa com os genitais - muitas vezes com ameaças severas e todos os sinais de desagrado -, atividade em que, afinal de contas, ela mesma iniciara a criança. Daria para pensar que estas são razões bastantes para fazer com que a menina se afaste de sua mãe. Se assim for, seria de julgar que a desavença decorra inevitavelmente da natureza da sexualidade infantil, do caráter ilimitado de suas exigências de amor e da impossibilidade de realizar seus desejos sexuais. (Freud, [1933], 1972, p.123-124)

Entretanto, ele faz uma ressalva de que todos esses fatores também estão presentes na relação do menino com sua mãe e, que não são suficientes para afastá-lo do objeto materno. O fator decisivo para esse afastamento está no complexo de castração pois, segundo Freud, “a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em conseqüências psíquicas” (FREUD, [1933],1972, p.124). Desta forma, as meninas culpam a mãe pela falta do pênis nelas e não aceitam terem sido colocadas em desvantagem.

Freud (1933/1972) atribui um complexo de castração para menina, que começa quando ela avista os genitais do sexo oposto, imediatamente reconhecendo a diferença

e sua *importância*⁴. Sentem-se injustiçadas, se tornando vítimas da inveja do pênis, que deixa vestígios por todo o processo de desenvolvimento e de formação de caráter na menina, exigindo uma grande uso da energia psíquica para superá-la. O autor até assinala que há inveja e ciúmes nos homens também e que existem outras raízes na mulher além da inveja do pênis, porém que a inveja do pênis teria uma influência muito maior no desenvolvimento das mulheres do que qualquer outra coisa.

O reconhecimento de que se é castrada, é um fator decisivo no crescimento da garota. A partir disso, existem três caminhos de desenvolvimento possíveis: 1) levaria à inibição sexual ou à neurose; 2) levaria a um complexo de masculinidade e 3) levaria à feminilidade *norma*⁵.

Em relação ao primeiro caminho possível, Freud (1933/1972) escreve que a menina vinha, até então, vivendo de modo masculino, obtendo prazer através da excitação do seu clitóris, relacionando essa ação aos seus desejos libidinais dirigidos à sua mãe, de forma ativa. Com a atuação da inveja do pênis, o prazer antes obtido de forma fálica, é perdido e abandonado. A comparação que ela faz com o equipamento *superior*⁶ do menino, atinge seu amor próprio, de modo que abdica da satisfação masturbatória advinda do clitóris, renega seu amor pela mãe e na maioria das vezes reprime grande parte de suas inclinações sexuais em geral. Esse distanciamento, não ocorre de uma vez só, porque a princípio a menina acredita que a castração aconteceria somente com ela e aos poucos vai estendendo essa condição a outras mulheres e, por fim, à sua mãe. O amor que sustentava a vinculação era dirigido à sua mãe fálica e a descoberta de que sua mãe é castrada, possibilita que a menina a abandone como objeto, de forma que os sentimentos de hostilidade acumulados, somam-se a esse fator e permite essa renúncia de objeto. Para Freud, a “descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens”. (FREUD, [1933],1972, p.126).

Simultaneamente à abdicação da masturbação clitoriana, há também a renúncia de alguma soma de atividade. A partir deste ponto, na menina a passividade predomina

⁴ Destaque adicionado pela autora deste trabalho.

⁵ Destaque adicionado pela autora deste trabalho.

⁶ Idem.

e o direcionamento do desejo dela para seu pai é baseado em impulsos instintuais passivos. A remoção da atividade fálica prepara o trajeto para a feminilidade e se ao longo do desenvolvimento não forem reprimidos muitos elementos, esta feminilidade pode vir a ser *normal*⁷. O desejo que faz a garota se direcionar para seu pai, em um primeiro momento, é o desejo de possuir o pênis que a mãe não lhe deu e que agora tem a expectativa de conseguir de seu pai. Entretanto, a condição feminina só se estabelece se esse desejo de possuir um pênis for modificado para o desejo de ter um bebê - obtido pelo pai -, em uma equivalência simbólica. Freud (1933/1972) coloca que há grande satisfação quando, futuramente, o desejo de ter um bebê se concretiza na realidade, principalmente se o bebê for menino, trazendo consigo o pênis tão desejado. Através da passagem, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, começa para a menina o complexo Édipo. A hostilidade direcionada a sua mãe aumenta muito, uma vez que ela se torna uma rival para menina.

O segundo caminho possível, após a descoberta da castração feminina, é o desenvolvimento de um intenso complexo de masculinidade. Freud (1933/1972) propõe que a menina se nega a reconhecer o seu estado castrado e então, maximiza sua masculinidade anterior, se prendendo à sua masturbação clitoriana, culminando em uma identificação com sua mãe fálica (possuidora do pênis para a criança) ou com seu pai. Nesse processo, haveria uma esquiva da passividade que a conduziria rumo à feminilidade. O autor ainda destaca que o complexo de masculinidade, na sua realização máxima, poderia influenciar em uma escolha homossexual manifesta. Freud acrescenta:

A experiência analítica realmente nos ensina que o homossexualismo feminino raramente, ou nunca, é continuação direta da masculinidade infantil. Mesmo para uma menina nessas condições, parece necessário que ela deva tomar seu pai como objeto, por algum tempo, e ingressar na situação edipiana. Depois, contudo, em consequência do inevitável desapontamento com o pai, é forçada a regressar a seu complexo de masculinidade anterior. (Freud, [1933], 1972, p.129).

Por fim, Freud (1933/1972) apresenta algumas peculiaridade psíquicas da feminilidade. Haveria na feminilidade uma maior quantidade de narcisismo, que afetaria a escolha objetal, em que a mulher precisaria ser mais amada do que amar o outro. A inveja do pênis influenciaria a vaidade física pois, as mulheres precisariam valorizar os

⁷ Idem.

seus *encantos*⁸, como uma forma de compensar a sua inferioridade sexual. A vergonha, uma característica considerada feminina, teria a finalidade de ocultar a sua deficiência genital. O fato da menina ter se afastado da mãe e se voltado para o pai, mantendo a hostilidade para com o pai, asseguraria um casamento *feliz*⁹. Ainda sobre o aspecto do casamento, Freud diz “Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe”. (FREUD, [1933],1972, p.132-133).

O autor volta a destacar a importância da vinculação pré-edipiana com a mãe pois, seria nessa fase que seriam formados os arranjos para a menina adquirir as suas características, que no futuro, irá desempenhar seu papel na função sexual e irá realizar suas tarefas sociais. Essa ligação também seria essencial para a mulher sentir atração por homens.

Freud (1933/1972) justifica que o fato das mulheres serem reconhecidas por terem pouco senso de justiça, estaria relacionado ao predomínio da inveja em sua vida mental. A autor ainda diz, “consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens” (FREUD, [1933],1972, p.133).

3.2 Os avanços de Lacan na análise do desenvolvimento psicosssexual da mulher

Jacques Lacan estabelece novos conceitos e novas elaborações, proporcionando uma expansão para a Psicanálise, mas nunca sem deixar de fazer um retorno à Freud. Uma das principais contribuições do autor francês para o campo psicanalítico foi a mudança de panorama de uma caracterização genital para uma caracterização simbólica, o que reorientou a discussão sobre o o falo e o gozo feminino.

Em um primeiro momento da sua obra, orientando pelos conceitos de inconsciente estruturado como linguagem e da supremacia do simbólico, Lacan discute o feminino a partir do falo, da castração e do desejo, assinalando o feminino como uma

⁸ Destaque adicionado pela autora deste trabalho.

⁹ Idem.

posição em relação a todos esses conceitos, como falta-a-ser, como um desejo insatisfeito. Em um segundo momento, principalmente em seu “Seminário 20: Mais, ainda” (1972-1973), o autor pontua o masculino e o feminino como posições que se situam diante do gozo. O feminino seria a posição de um gozo não-todo-fálico, não totalmente inscrito na lógica fálica.

Sobre esse primeiro período da obra lacaniana, destacam-se os Seminários 4 (1956-1957) e 5 (1957-1958), que abordam a questão da mulher para a Psicanálise e o conceito dos três tempos do Édipo, fundamental para a reflexão deste assunto.

Como foi exposto no capítulo anterior, Freud tenta explicar a feminilidade através da relação primordial da menina com a mãe, em que tudo que não dizia respeito à ligação da garota com o pai ou com o falo estaria sujeito a essa relação original. Lacan, através da sua teoria da diferenciação sexual, demonstra que todos os seres falantes (homens ou mulheres) se organizam sexualmente a partir de um significante [único¹⁰] que seria o falo, circulando entre ambos os sexos. Ao colocar o falo como um significante - ou seja, ele adquire um aspecto simbólico -, Lacan se diferencia de Freud, saindo do campo anatômico, o que lhe permite pensar nos três registros da psique: real, simbólico e imaginário, essenciais para pensar o Édipo. A partir da lógica edípica, apoiada na Metáfora Paterna, Lacan vincula e encadeia o complexo de castração e o complexo de Édipo e demonstra como homens e mulheres têm relações distintas com o falo.

Freud explicou o desenvolvimento sexual da menina a partir da associação do complexo de castração, da inveja do pênis e do complexo de Édipo (Fabbro, 2014, p.18). No “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-58), Lacan discute o conceito de inveja do pênis. Para o autor, esse conceito freudiano estaria coberto de ambiguidades: “detenhamo-nos por um momento, primeiro, para assinalar a ambigüidade com que o termo Penisneid¹¹ é empregado nos diversos tempos da evolução edípica da menina...” (Lacan, [1957-58], 1999, p.288).

Para a teoria lacaniana, a inveja do pênis caracterizada por Freud evidenciaria três modalidades diferentes (Fabbro, 2014, p.18): 1ª) a inveja do pênis como fantasia, desejo de que o clitóris seja um pênis. Para Freud, caso ela não se transforme, teria

¹⁰ Adição da autora deste trabalho.

¹¹ Inveja do pênis.

uma posição inflexível; 2ª) quando o desejo é o pênis do pai e sua relação com a inveja do pênis. É o momento que a menina procura na sua realidade concreta o pênis e onde pode obtê-lo. A proibição do incesto e a impossibilidade fisiológica frustram esse desejo; 3ª) Por último, desponta o desejo de ter um filho do pai, ou seja, obter um pênis sob a forma de um filho (simbolicamente).

A partir dos três tempos do Édipo estabelecidos nesse seminário, Lacan discute a inveja do pênis nas mulheres, apontando como a experiência do falo e a castração são percebidas nos três registros.

No primeiro tempo do Édipo, logo após a criança sair do estágio do espelho, ela começa o seu caminho para se tornar um sujeito, mas ainda possui uma relação de indistinção com a mãe, resultando em um assujeitamento: “é esse assujeitamento que faz da mãe um Outro onipotente, que tem e dá ou recusa, mas que, inquestionavelmente, tem para dar” (Faria, 2003, p.53). A mãe como onipotente também está presente na obra do Freud, segundo o qual a criança seria regida pela primazia do falo, supondo que todos as pessoas possuem pênis. Porém, Faria (2003), afirma que:

Lacan (...) retira a questão da falicidade da mãe do imaginário da suposição de que a mãe seja portadora de um pênis, e desloca-a para a importância do caráter simbólico dessa suposição. Para ele, quando se ressalta o aspecto simbólico, não é o pênis, mas a própria criança, que deve ser tomada como o que ocupa privilegiadamente a posição de falo materno.” (Faria, 2003, p.53)

Logo, nesse tempo do Édipo, a criança busca identificar-se com o que ela supõe ser o objeto do desejo da mãe (DOR, 1992). Esse objeto é o falo, ou seja, no primeiro tempo do Édipo a criança é¹² o falo, transformando-se em o objeto de desejo e satisfação da mãe. A partir disso, a criança ascende ao desejo, sendo o seu desejo construído como o desejo do desejo do Outro. Lacan diz: “a relação do filho com o falo se estabelece na medida em que o falo é o objeto do desejo da mãe” (Lacan, [1957-58], 1999, p.190).

Devido a essa relação fusional, a criança está alienada da problemática fálica, sob a dialética do ser: ser ou não ser o falo.

¹² Destaque da autora deste trabalho.

A posição do pai é muito particular nesse primeiro tempo, pois não se trata da presença efetiva do pai (função paterna) no ambiente familiar, porque, para a criança, tudo acontece como se o pai não tivesse entrado. Sua presença está marcada desde o início, porém ainda não tem valor ativo para a criança.

Em seu Seminário 4, ainda tratando da equivalência simbólica falo-criança, Lacan destaca:

Freud, por seu lado, nos diz que a mulher tem, dentre suas faltas de objetos essenciais, o falo, e que isso está estreitamente ligado à sua relação com a criança. Por uma simples razão - se a mulher encontra na criança satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que a satura. (Lacan, [1956-57], 1995, p.71)

A partir das análises de mulheres, Lacan concorda com Freud que, no que diz respeito à criança, esta seria um substituto, uma compensação “ao que falta essencialmente à mulher” (Lacan, [1956-57], 1995, p.247).

A mãe onipotente teria o *dom* materno (Seminário 4) e ele estaria relacionado à satisfação que o Outro materno dá ou recusa. Logo, nesse primeiro tempo do Édipo, o registro feito da falta é pela via da *frustração*. A criança acredita que quando esse objeto falta, o que acontece é que há a recusa do *dom* pelo Outro e não a falta do objeto em si. Na frustração, a criança não consegue perceber a dimensão de uma falta no Outro (FARIA, 2003).

Segundo Fabbro (2014), a frustração teria efeitos no segundo momento da inveja do pênis, que a menina configura como uma frustração ao não receber o pênis do pai, uma reivindicação de algo cuja satisfação está impossibilitada de ocorrer: a frustração imaginária e referente a um objeto real.

No segundo tempo do Édipo, Lacan destaca a saída da criança do seu assujeitamento materno, sendo este um ponto crucial no desenvolvimento infantil pois, se ela não supera essa condição, continua a manter essa identificação com a mãe. É no segundo tempo que a dialética de ser ou não ser o falo é imposta à criança. Diferentemente do primeiro tempo, em que a criança acredita que a mãe é fálica, neste tempo, ao perceber que a mãe não possui o falo, a criança percebe que não o é (FARIA, 2003).

A implantação desse segundo tempo só ocorre se “(...) a incidência da castração na criança depende da sua incidência enquanto falta no Outro materno” (Faria 2003, p.62). A castração materna possibilita colocar a criança em falta também, tirando-a da identificação imaginária como o falo.

Comparando Freud e Lacan quanto a esse aspecto, para o primeiro, é quando há a visão dos genitais do outro sexo e existe uma ausência do pênis que a castração passa a ser significada pela criança. Já para o autor francês, a castração seria a própria ausência da mãe. A presença ou ausência da mãe pode ser situada como uma falta para a criança, que percebe que “há, na mãe, um desejo outro que não pela criança” (Faria, 2003, p.64-65). Lacan vai além e afirma em seu Seminário 5 que a criança pensa: “O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela - é o x (...)” (Lacan, [1957-58], 1999, p.181).

A ausência da mãe colocaria um enigma no lugar do desejo materno, o x, fazendo com que a criança comece a questionar sobre qual seria o desejo da mãe para além dela, permitindo, assim, a dialética do ser ou não ser o falo. Essa ausência permite a inserção da criança no campo simbólico, pois será através da simbolização, da representação, que poderá lidar com a presença na ausência, quando o objeto falta (FARIA, 2003).

O registro da falta no segundo tempo do Édipo é a *privação* e, diferentemente da frustração, o objeto passa a ser algo que falta ao Outro. A mãe antes vista como um Outro onipotente passa a ser marcada pelo desejo e pela falta. A privação é pura e simplesmente no real e incide sobre um objeto simbólico - porque a falta não incide sobre a mãe, mas sim sobre a criança na posição do falo materno: “é só enquanto simbólico que o objeto pode faltar onde nunca esteve” (Faria, 2003, p.70). O pai nesse tempo é o pai imaginário, agente da privação e que impõe a lei primordial do incesto. É ele que coloca a proibição na ilusão de complementaridade criança/mãe/falo, libertando, assim, a criança de ser o objeto de desejo da mãe. É um pai castrador, que segundo Lacan, afirma: “(...) não deitarás com a sua mãe, já nessa época dirigida à criança, mas um não reintegrarás teu produto, que é endereçado à mãe” (Lacan, [1957-58], 1999, p.209).

Para Fabbro (2014), a privação estaria relacionada ao desejo da menina de ter um filho do pai e se ver impedida disso. É a privação que vai permitir a entrada da menina no simbólico e que a mesma busque o filho/pênis em um outro homem, o que seria o terceiro momento da inveja do pênis.

No terceiro e último tempo do Édipo ocorre a configuração final do complexo de Édipo. É nesse momento que o pai é investido de um aspecto fálico, “como aquele que *tem* o falo e não como aquele que *é*, (...) o que reinstaura a instância do falo com objeto desejado pela mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privá-la” (Dor, 1992, p.88).

É o tempo do pai potente, que tem o falo e pode dá-lo, pode dar à mãe o que ela deseja porque ele o possui. Há uma mudança da dialética do *ser* para o *ter*. Essa dialética do *ter*, segundo Dor (1992), convoca as identificações que as crianças deveriam fazer. O menino recusaria ser o falo materno, entraria na dialético do *ter* e se identificaria com o pai - que supostamente também possui o falo. Já na menina, ela também recusa a ser o falo materno, porém se depara com a dialética do não ter, podendo se identificar com a mãe, que também não o tem, mas “(...) sabe onde está, ela sabe onde deve ir buscá-lo, do lado do pai, junto àquele que o tem” (Lacan, [1957-58], 1999, p.202). A função do pai nesse momento em que é o portador da lei finalmente torna-se simbólica para a criança, ou seja, a metáfora paterna, em que o Nome-do-Pai, como significante, substitui o primeiro significante, que era o desejo materno. Essa mudança é essencial porque é a partir da metáfora do Nome-do-Pai, que haverá (ou não) a instituição da significação fálica. Sobre isso, Lacan diz: “nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo” (Lacan, [1957-58], 1999, p.180).

O resultado desse terceiro tempo será a identificação sexual e a saída Édipo. É o ideal de eu - diferente do Supereu - que, para Lacan, realiza a função de estabelecer admissão de uma posição subjetiva, masculina ou feminina. Essa identificação é um dos fatores que possibilita que o Édipo seja ultrapassado (VALDIVIA, 1997).

O registro da falta do terceiro tempo seria a *castração* em si, uma falta simbólica que remete à interdição do incesto, de um objeto imaginário. Esse objeto pode ser imaginado pela criança, que, por exemplo, imagina que o falo está com o pai, mas, para ocorrer o terceiro tempo propriamente dito, há necessidade de que esse objeto

também se torne simbólico, passível de substituição. Esse é o ganho justamente com o terceiro tempo do Édipo, o registro no simbólico. Assim, nesse ponto, o objeto é tanto imaginário quanto simbólico.

Segundo Fabbro (2014), a castração está relacionada com o primeiro e o terceiro momento da inveja do pênis. Relaciona-se com o primeiro momento porque é a partir do reconhecimento da sua condição de castrada que a menina precisa renunciar ao desejo que ela tem de que seu clitóris se transforme em um pênis ou se transforme em algo tão importante quanto. Segundo Miller, “Lacan faz da castração o nome da falta fundamental que nenhum objeto pode tamponar” (Miller, 1995, p.60). E relaciona-se com o terceiro momento, pois tem que saber que tem que buscar o falo em um outro, primeiramente em seu pai e depois em outro homem. Neste ponto, a concepção lacaniana se reencontra com a freudiana. Por fim, para Lacan,

(...) à prova da travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo (...). É na medida em que a função do homem e da mulher é simbolizada, é na medida em que ela é literalmente arrancada ao domínio do imaginário para ser situada no domínio do simbólico, que se realiza toda posição sexual normal, consumada. É pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital - que o homem se viriliza, que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina” (Lacan, [1955-56], 1995, p.203).

Para Fabbro (2014), os meninos renunciam do Outro materno como objeto do seu desejo frente à ameaça de castração de modo que a metáfora paterna é efetiva. Com as meninas, elas não se submetem de todo à metáfora paterna, já que elas não teriam medo de perder o que não têm, ou seja, o complexo de castração não lhes é ameaçador, não teria a força para afastá-las desse Outro materno por inteiro. Nisso, com a metáfora paterna não se impondo verdadeiramente como metáfora, a menina por um lado viria a se situar na lei e por outro fora-da-lei.

Pode-se analisar que, apesar de Lacan não abandonar o conceito de inveja do pênis, ele dá uma ênfase distinta daquela ressaltada por Freud, destacando que o desejo da menina é vir a possuir algo de grande valor, o falo. Desta forma, o autor francês salienta a diferença entre o falo e o pênis como órgão, atribuindo ao primeiro um valor simbólico (FABBRO, 2014).

Essa passagem do anatômico para o simbólico é um grande avanço por parte de Lacan, pois coloca o falo com um significante que circula entre homens e mulheres,

o que possibilita pensá-lo nos três registros da psique. No seu aspecto imaginário, ele assume a forma imaginária do pênis, como uma representação psíquica (inconsciente) desse órgão anatômico. No plano imaginário, ele recebe um significado de “valor máximo”, sendo um objeto imaginário que funciona como significante do desejo (FABBRO, 2014).

No seu aspecto simbólico, o falo funcionaria como o “significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo” (Lacan, [1957-58], 1999, p.296). Aqui, o falo simultaneamente é o significante que vela e evidencia a castração simbólica (FABBRO, 2014).

Para Fabbro (2014), Lacan realiza uma formalização do Édipo freudiano ao colocar o falo como terceiro elemento da dupla mãe/criança. Ela destaca um trecho da obra do Seminário 5 em que ele diz: “é a mãe que vai e que vem. É por eu ser um serzinho já tomado pelo simbólico, por haver apreendido a simbolizar, que podem dizer que ela vai e que ela vem” (Lacan, [1957-58], 1999, p.180). Lacan afirma que o mundo da criança varia a partir da presença/ausência da mãe. Com base nisso, retoma o conceito freudiano do Fort-Da para exemplificar o que essa dualidade de ausência/presença da mãe vai gerar no psiquismo da criança, sendo que a falta física da mãe permite que a criança aprenda a falta que existe na mãe. É nessa hora que Lacan destaca o que a criança pensa: “O que quer essa mulher aí?” (Lacan, [1957-58], 1999, p.181). A criança percebe que a mãe deseja e que esse desejo vai para algo além dela [criança], visa o falo. Desta forma, é a partir do desejo da mãe que o falo é apresentado para criança.

O significante do falo acaba por ser insuficiente para designar uma significação propriamente feminina, de modo que não se consegue atribuir ao sujeito seu lugar de mulher. A mãe, por também não carregar o símbolo fálico, não consegue significar para a menina o que é uma mulher, porque na ordem simbólica não há nenhum significante que signifique o feminino (FABBRO, 2014).

Como em Freud, o complexo de Édipo na menina se inicia onde termina para o menino. Uma das questões é que a menina deve se identificar com a mãe, mesmo com seu ódio direcionado a ela, devido à falta fálica, para poder se encaminhar ao pai e apossar-se da sua posição feminina. A grande dificuldade reside no fato de que a garota precisa se identificar com o objeto da sua hostilidade, sendo que ao mesmo

tempo não existe nada que a force a abandonar esse objeto de amor. O ódio dirigido à mãe precisa existir para que a menina possa se separar dela enquanto objeto de amor, deixando uma posição passiva diante da mãe para trás, mas ainda cultivando parte dessa passividade para poder estabelecer-se como mulher e direcionar-se ao pai. Outro fator que impulsiona a menina em direção ao pai é o fato de que ela sabe onde está o falo, de modo que vai em direção daquele que o possui, indo buscá-lo no pai. Seria a partir daí, segundo Freud, que a menina entraria no complexo de Édipo. Lacan complementa: “não digo que não possa haver muito mais aí, e com isso todas as anomalias que se possam produzir no desenvolvimento da sexualidade feminina, mas existe, doravante, fixação no pai como portador do pênis real” (Lacan, [1956-57], 1995, p.207). A menina se dirige ao pai devido à sua falta. Ele, então, será seu objeto de amor, pois seu sentimento se dirige para o elemento da falta no objeto, sendo ele também objeto da sua satisfação, no sentido de procriação. A menina só ganhará a criança/falo que ela deseja quando se voltar para outro homem e dirigir a ele o que antes dirigia ao pai. A partir disso, a mulher acaba por ficar em uma posição de dependência daquele que possui o falo. A ausência do falo e a falta desse significante em seu corpo levariam a mulher para a demanda de amor, isto é, a demanda de receber do Outro aquilo que ela não tem. A mulher, então, para se fazer desejada por um homem, se colocará no lugar do falo, sendo aquilo que ela não possuiu. Nisso, ela encontra naquele para o qual sua demanda de amor é endereçada o significante do seu próprio desejo. A mulher acaba por converter sua falta fálica no fato de ser o falo, ou seja, aquilo que falta no Outro (FABBRO, 2014).

A partir disso, a falta da mulher se torna positivada, pois ela se converte naquilo que não possui. Além de ser o significante da falta e representar a diferença sexual, o falo também representa a falta inerente a todos os sujeitos, como consequência da linguagem.

Lacan avança na discussão e em seu texto “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina” (1958) apontando que pouco teria se avançado na compreensão da sexualidade feminina desde Freud, citando a discussão sobre a oposição entre o gozo clitoriano e vaginal, por não trazer nenhum esclarecimento. É a partir desse trabalho que o autor apresenta a ideia de um Outro gozo, próprio da mulher, em que a pulsão não estaria totalmente mediada pelo falo (FABBRO, 2014).

Para Fabbro (2014), a obra freudiana coloca a maternidade como ponto de chegada esperado da evolução sexual da garota, sendo integralmente guiada pela relação com o falo, enquanto a obra lacaniana segue outra concepção. Para Lacan, na mulher há algo que não está dentro do todo fálico. O autor desvincula a maternidade do falo. Outra divergência entre eles é em relação à homossexualidade feminina. Freud considera a homossexualidade feminina como decorrência do complexo de masculinidade, enquanto para Lacan seria a manifestação de um gozo não todo fálico. Assim, a sexualidade feminina dentro da obra lacaniana apresenta-se como um gozo que não se submete à lógica fálica, sendo que a homossexualidade feminina revelaria isso. O gozo dito como feminino estaria envolvido em sua própria contigüidade, não sendo possível dividi-lo ou separá-lo, pois seria um gozo não permeado pela significação fálica ou pela castração. Para Lacan:

Na verdade, longe de corresponder a esse desejo a passividade do ato, a sexualidade feminina surge como o esforço de um gozo envolto em sua própria contigüidade (...) para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho, dando-lhe seu significante no falo (Lacan, [1958], 1998, p.744).

Avançando em sua obra, no “Seminário 10 - A Angústia” (1962-63), Lacan revê a compreensão do feminino que estava posta até o momento, baseada na lógica fálica. O autor destaca que há um gozo permeado pelo falo que coexistiria com um gozo não todo fálico:

A falta, o sinal menos com que é marcada a função fálica no homem, e que faz com que sua ligação com o objeto tenha que passar pela negatificação do falo e pelo complexo de castração, o status do $(-\phi)$ no centro do desejo do homem, é isso que não constitui para a mulher, um nó necessário (Lacan, [1962-63], 2005, p.202).

Dito isso, entende-se que a mulher pode não passar integralmente pela castração, ao contrário do homem. A mulher pode ou não passar por essa lógica, não existe nada em seu corpo que a force a se inscrever nesta lógica, mas o homem não escapa da mesma porque o gozo masculino é marcado por um limite (FABBRO, 2014).

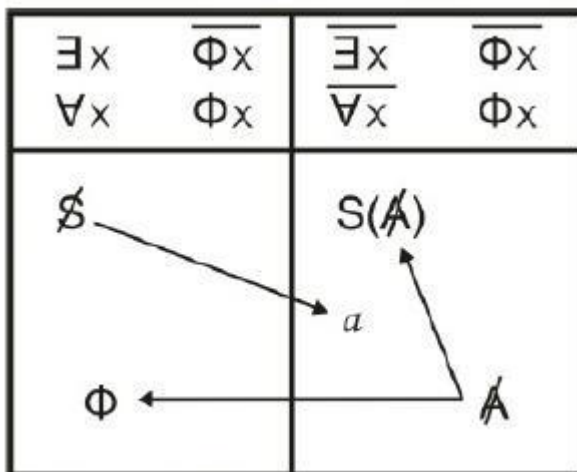
Na obra de Lacan, a feminilidade abarca a mulher que é regida por um gozo fálico ligado à lógica do significante que é regida por um gozo Outro, enredado em sua própria contigüidade, que não cai sobre a barra do significante. Assim, uma parte da

sexualidade feminina estaria para além da função fálica, teria um gozo Outro que não o gozo dito sexual (FABBRO, 2014).

Sem abandonar o que postulou anteriormente, Lacan reformula as posições masculina e feminina a partir de uma lógica matemática que em seu “Seminário 20, *Mais ainda*” (1972-73) são chamadas de “fórmulas quânticas da sexuação”. A partir destas fórmulas, o autor pretende discorrer sobre a posição que cada ser falante ocupa em relação à castração (FABBRO, 2014).

Lacan descreve as fórmulas da sexuação como a estrutura que organiza a sexuação para os seres falantes, sejam eles homens ou mulheres. As fórmulas não se referem a aspectos anatômicos, pelo contrário, são posições subjetivas que os seres falantes podem ocupar frente à sexualidade. O lado esquerdo do quadro da figura abaixo se refere ao masculino e o lado direito ao feminino. Para Lacan, o processo de sexuação não seria uma divisão entre dois sexos, mas sim entre dois gozos, o todo-fálico e o outro não-todo (VALDIVIA, 1997). O quadro apresentado por Lacan é o seguinte:

Figura 1 - Quadro das fórmulas quânticas da sexuação, feito por Lacan.



Fonte: Coelho (2013)

Segundo Fabbro (2014), Lacan afirma que o universal só consegue ser definido a partir da exceção. O exemplo que ela usa é de que a afirmação que “todos os cisnes são brancos” só seria válida se existir “um cisne que não seja branco”. Analisando o lado esquerdo, a fórmula mais acima pode ser lida como $E x . f x$ (existe x não-fi de x),

o que indica que há uma exceção à regra, a regra da castração, em que há pelo menos um membro que não é castrado, um membro que se esquivava da lei (VALDIVIA, 1997). No campo da psicanálise, a relação com a falta do lado masculino teria como exceção o pai da horda primitiva, apresentado por Freud em Totem e Tabu como sendo aquele um que goza de todas as mulheres, em um gozo pleno, sem limites. Para todos os outros se cumpriria a função fálica. Portanto, do lado masculino, todos os seres falantes (homens e mulheres) se submetem totalmente à lógica fálica (FABBRO, 2014).

Voltando-se para o lado direito, a primeira fórmula que se apresenta pode ser descrita como $E x . f x$ (não existe x não-fi de x). Ao colocar a barra de negativa em cima do símbolo de existência, Lacan pontua que para os seres inscritos deste lado da fórmula não existiria exceção, não iriam estabelecer um todo, como demonstrado na fórmula seguinte, $\forall x . f x$ (não-todo x fi de x). Essa segunda fórmula apresenta como cada membro desse conjunto se relaciona com a função fálica enquanto não-todo (VALDIVIA, 1997). No lado feminino não existiria nenhum sujeito (como o pai da horda primitiva) que se inscreveria fora da castração; não há nenhum que faça exceção à regra (FABBRO, 2014).

Assim todos os sujeitos inscritos no lado masculino estão sujeitos à lógica da castração. Entretanto, para as mulheres, não há exceção, não há nenhuma figura que funda um sexo não fálico (e se coloque fora da castração), de modo que não há nenhum ser que consiga fundar o conjunto de mulheres. As mulheres como um todo são um conjunto aberto; não se tem um clã de mulheres. As Amazonas, por exemplo, seriam um conjunto de mulheres fálicas que estariam inscritas do lado masculino. O sexo feminino não possui um significante que o signifique. Este princípio é destacado por Lacan na afirmação “A Mulher não existe”, pois as mulheres não possuem um conjunto; têm que ser contadas uma por uma (FABBRO, 2014). Para Santos (2009, p.20), “‘a mulher’ não existe, somente existem as mulheres. Como não existe a exceção feminina — isto é, a mulher que causaria o desejo de todos os homens — as mulheres não são divididas pelo significante d’A Mulher”.

Para Ambra (2015), uma exceção da mesma natureza que a do homem não pode ser concebida para a mulher porque a intensa relação entre civilização, masculinidade e dominação não permite fantasiar ao longo da história um gozo que não tiver sido interdito à mulher, pois sempre o foi.

Fabbro (2014) afirma que o sujeito é dividido. Porém, a mulher não é dividida da mesma maneira que o homem, ela não é totalmente assujeitada à ordem simbólica da linguagem, de modo que não existe uma identidade propriamente feminina. Ela é um conjunto aberto, diferente dos homens que se agrupam em um conjunto fechado, “cujas fronteiras são delimitadas pelo falo: o homem é fálico e todo fálico” (Valdivia, 1997,p.23).

A manifestação da feminilidade revela um ser dividido frente à castração, sendo a mulher dividida entre um gozo fálico e um gozo Outro, gozo do corpo. Lacan não se põe a identificar nesse Outro gozo a essência do feminino, já que para ele “A Mulher não existe”, porque, se assim o fosse, ele restabeleceria o feminino como um conjunto fechado. Sobre isso, Lacan diz: “se houvesse outro, mas não há outro gozo que não o fálico – salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda” (Lacan, [1972-73], 1985, p.81). Desse Outro gozo nada se pode dizer, somente supô-lo. Na mulher, a divisão do gozo se dá entre dois extremos: do falo que um homem pode representar para ela e o gozo daquilo que falta como significante no Outro (FABBRO, 2014).

Segundo Fabbro (2014), a mulher pode fazer uso de substituições fálicas (filho, sucesso, poder, projeção social, carreira, etc), não há renúncia do falo. Dentro do pensamento de Freud, a mulher não teria como escapar disso. Já Lacan aponta que todos esses desejos do sujeito são alheios à mulher, pois não têm nada de propriamente feminino e decorrem de uma lógica fálica do ter, ignorando a possibilidade de, ao invés de ter, ser o falo.

Quanto à questão da feminilidade, Lacan avança em relação à Freud por situar o gozo feminino determinado pela sua própria contiguidade, contiguidade esta que é essencial para entender que o feminino possui um gozo foracluído do simbólico, que não se aloja sob a barra do significante (FABBRO, 2014).

A partir do que Lacan estabelece sobre a feminilidade, a mulher, além de acesso ao gozo fálico, tem acesso a esse outro gozo, gozo do Outro (suplementar). Por ser um gozo foracluído, ele permanece na ordem do indizível (VALDIVIA, 1997).

Para Valdivia (1997), quando Lacan estabelece que ‘a Mulher não existe’ é:

justamente esta inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais uma mulher é o seu

sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina. A representação simbólica da mulher é inalcançável, só sendo conseguida pela via da maternidade. Mas, isto a situa como mulher somente enquanto mãe. (Valdivia, 1997, p.23-24).

A partir disso, por não existir um conjunto de mulheres, não seria possível escrever a relação entre um elemento do conjunto masculino e um elemento do conjunto feminino, ou seja, para Lacan, não existiria a relação sexual. Ela permanece na ordem do impossível, mesmo que os participantes tentem atingi-la através da cópula. O desejo não é direcionado ao companheiro e sim ao falo. O homem faz do corpo da mulher o recorte conveniente do seu falo. Já para a mulher, ele seria o órgão que ela encontra no homem. Se a relação sexual existisse não teria a falta e nem o desejo. O ser humano está sempre aspirando a este que lhe falta e está inexoravelmente perdido (VALDIVIA, 1997).

Para Valdivia (1997), essa não-relação entre os conjuntos se apresenta no lado esquerdo, na parte inferior do quadro. A letra S maiúscula representaria o sujeito com o atributo masculino, saindo dele uma seta direcionada ao objeto a, localizado do lado feminino. Este objeto, que é quando o sujeito se constitui, é separado dele, está invariavelmente perdido, de modo que não pode ser articulado como significante.

Segundo Valdivia (1997), por existir somente uma seta saindo do lado esquerdo do quadro, apontaria que o homem - que se coloca na posição masculina, no próprio lado esquerdo - se direciona ao objeto do seu desejo, recortando-o do seu corpo a parceira. Já para uma mulher,

o desejo não sofreria esta cisão: é um mesmo homem que ela ama e deseja. Esse amálgama com o amor é que dá ao desejo feminino seu caráter inefável e nebuloso. É normal uma mulher não saber exprimir o que sente. A feminilidade é frágil e vacilante, carecendo sempre de uma identificação que a represente. E, neuroticamente, a mulher tenta inventar uma causa que possa tapar o vazio que ela mesma consiste. Isto nos remete ao que Lacan chama de posição histérica, na qual há o repúdio da posição de objeto sexual que lhe destina a fantasia masculina; a histérica não quer ser objeto sexual de um homem. Na falta de um ponto de apoio para uma identificação especificamente feminina, ela aborda a sexualidade à maneira do homem (na ostentação fálica) e tenta também sustentar-se pelo culto de uma feminilidade misteriosa, encarnada no corpo de outra mulher. (Valdivia, 1997, p.24)

O gozo Outro, exclusivo da mulher, também está inscrito no quadro apresentado por Lacan. A letra A maiúscula representaria a ideia da mulher e deste lado divergem duas setas, uma se ligando ao S (A), do lado direito, que representaria o significante de uma falta no Outro, “desse mesmo Outro que é marcado pela barra (castração) fundamental na constituição do sujeito” (Valdivia, 1997, p.240). É a relação com esse Outro que vai possibilitar o acesso ao gozo suplementar, que não se pode dizer sobre e do qual o homem não tem acesso. A outra seta se direciona ao f, do lado esquerdo, que seria o acesso ao gozo fálico, sendo no órgão do homem que ela irá encontrá-lo (VALDIVIA, 1997).

Esse mais além da sexualidade fálica posto por Lacan afasta a problemática da mulher dos impasses freudianos da partição entre dois órgãos, clitóris e vagina, e dos dois polos pulsionais, atividade e passividade. Para Lacan, essa divisão se faz entre a linguagem e o corpo, entre o simbólico e o real (FABBRO, 2014).

3.3 A leitura contemporânea de Kehl e outros autores sobre a mulher na psicanálise

Em seu livro “Os Deslocamentos do Feminino” (2016), Maria Rita Kehl analisa a constituição da feminilidade no século XIX e propõe que a personagem do romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, seria a representação da mulher freudiana. No terceiro capítulo (“Freud, a feminilidade e as mulheres”) ela discute a teoria psicanalítica em relação à feminilidade e às mulheres, sendo este utilizado para fazer uma reflexão contemporânea do trabalho de Sigmund Freud.

Logo no início do capítulo, Kehl afirma que “Flaubert criou o retrato da feminilidade ao modo burguês; a mesma feminilidade que entrou em crise no século XIX e produziu a histeria como modo dominante de expressão de sofrimento psíquico” (Kehl, 2016, p.152).

Para a autora, a histeria seria a “salvação das mulheres”¹³ - como dito por Dostoiévski em *Os irmãos Karamázov* - por ser a única expressão possível das vivências da mulher burguesa do século XIX, período no qual as ideias tradicionais

¹³ Aspas utilizadas pela autora Kehl (2016).

sobre a feminilidade entraram em profundo conflito com as aspirações de algumas mulheres enquanto sujeitos, ideias estas produzidas devido a uma demanda da nova ordem familiar burguesa (KEHL, 2016).

Kehl (2016) reconhece a importância da escuta que Freud se propôs a fazer das histéricas, que foi muito diferente daquela feita pela psiquiatria e seu mestre Jean-Martin Charcot até aquele ponto. Porém, diz ela,

A recusa das histéricas em aceitar a feminilidade como modelo de subjetivação e de sexuação deve ter criado uma crise para o próprio Freud, uma vez que - com veremos na leitura de suas cartas à sua noiva Martha Bernays - também compartilhava do “ideal admirável a que a natureza destinou as mulheres”¹⁴. (Kehl, 2016, p.153)

Freud não reformulou fundamentalmente suas teorias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina ao longo de sua obra, porém, não se pode deixar de reconhecer que algumas alterações foram feitas ao longo dos anos. Apesar de ter destacado o fato de que não existe nenhum ser que seja, desde a origem, homem ou mulher, Freud aparenta ter refutado as evidências de que nenhuma mulher teria a capacidade de encarnar A Mulher (KEHL, 2016).

Para Kehl (2016), nos últimos textos de sua obra, Freud alterna entre a decepção de que a psicanálise seria incapaz de curar as mulheres e a dúvida sobre quem poderia saber o que quer uma mulher. Segundo Kehl (2016), essa persistência em um não saber seria um mecanismo de defesa por parte do Freud.

A autora analisa o texto freudiano de 1937 “Análise terminável e interminável”¹⁵ e aponta que Freud reconheceu dois grandes obstáculos para um fim satisfatório de uma análise. Com os homens, ele não conseguia ultrapassar a castração, no sentido de que havia rivalidade fálica dos pacientes para com ele, além deles não se deixarem submeter ao poder do analistas e tampouco por eles serem curados. Para as mulheres, esta mesma rivalidade fálica levaria a uma inveja do pênis, que impediria a renúncia da masculinidade em prol da feminilidade (KEHL, 2016).

Referindo-se à Emilce Dio Bleichmar, Kehl (2016) reitera que a convicção na inferioridade “natural” das mulheres também provocaria um grande obstáculo para a

¹⁴ Idem.

¹⁵ S. Freud, “Análisis terminable e interminable” (1937), em Obras Completas, v.3 (Madri, Biblioteca Nueva, 1973), p.3.339-64.

superação da inveja do pênis nas meninas: “como é possível abandonar as fantasias de masculinidade e identificar-se a um gênero que toda cultura aponta como inferior ao outro?” (Kehl, 2016, p.158).

A autora ainda destaca que assumir a feminilidade e renunciar aos aspectos masculinos condenaria a menina a uma inveja sem saída, que viria acompanhada de mágoas contra os homens que a forçaram a desistir de algumas de suas fontes de prazer como, por exemplo, o clitóris como órgão sexual, em troca do desejo e amor por ela.

No campo da mulher, Freud afirma consistentemente que a masculinidade deveria ser abdicada para a entrada da feminilidade, porém ela só é sustentada na psicanálise como uma estratégia para a obtenção do falo, o que leva Freud a propor a feminilidade como lugar de enigma da sexualidade (KEHL, 2016, p.156).

Em seguida, Kehl (2016) faz um retomada dos principais pontos da teoria freudiana acerca da mulher ao longo de sua obra. Em 1923, Freud faz um adendo a um texto seu, de 1905 (Três Ensaio sobre a sexualidade), em que pontua a importância das teorias sexuais infantis e suas consequências na sexualidade adulta. Em outro texto do mesmo ano (1923), “A organização genital infantil”, ele aponta o monismo sexual, em que somente um órgão sexual é reconhecido - o pênis - havendo a assimetria entre fálicos e castradas. A autora propõe que na passagem da sexualidade infantil para a adulta se repense o contraste entre dois sexos diferentes (masculino e feminino), caso “contrário, o sexo da mulher sempre será intolerável, tanto para os homens quanto para as próprias mulheres” (Kehl, 2016, p.161).

Ainda nesse artigo de Kehl (2016), a autora propõe que para o modelo psicanalítico freudiano sobre a sexualidade, o órgão genital masculino e as figuras a eles associadas (fálico, ativo, sádico) ocupariam o grau zero da sexualidade, enquanto o genital feminino (castrado, passivo, masoquista) ocuparia o lugar de grau menos um, o lugar do enigma. Também afirma que Freud reconhece a vagina como órgão próprio das mulheres que poderia até substituir imaginariamente a castração feminina, porém, ele propõe que existiria algum obstáculo (que ele não identifica qual) que impediria isso - reconhecer a vagina como um órgão sexual diferente do pênis e equivalente a ele (KEHL, 2016).

No texto de 1924, “A dissolução do complexo de Édipo”, e no de 1925 “Algumas

consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud discute que a criança está vivendo a primazia do falo. Assim, afirma ele, o complexo de castração é desencadeado a partir da descoberta da ausência de pênis na menina. Essa constatação de que falta alguma coisa no seu corpo e a decepção com as masculinidade imaginária levariam a garota à posição feminina, associada à passividade (KEHL, 2016). Porém, segundo a autora,

(...) a passividade, assim como os recursos sedutores e encobridores (da castração) que ela constrói ao identificar-se com a mãe, e que constituem a feminilidade, revelam não uma desistência, mas apenas um adiamento da posse fálica. A feminilidade é um truque e a posição feminina, um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um único interesse verdadeiro: o filho-falo. (Kehl, 2016, p.163).

Ainda sobre o texto de 1925, Kehl (2016) destaca que Freud propõe que, além de o complexo de castração despertar a inveja do pênis, ele ainda produziria uma ignorância ativamente mantida no menino. A autora vai além e discute que, apesar de tanto a menina como menino recusarem a castração do corpo feminino, nos meninos a castração está sobre o corpo do outro, tendo como efeito apaziguar a angústia frente a uma perda semelhante. Porém, na menina, a castração atinge a sua imagem corporal, de modo que “no caso da menina, a afirmativa - “sou aquela que não tem” - gera a impossibilidade de identificar-se a partir de um atributo ausente” (Kehl, 2016, p.164). Por fim, a autora analisa o fato de que, para Freud, como não haveria um motivo tão forte para dissolução do complexo de Édipo na menina como no menino, ela teria um Supereu menos rígido. Desta forma, para Freud, a simbolização da castração nas meninas que já nascem marcadas por ela não acabaria por não se completar (KEHL, 2016).

Continuando a análise da obra freudiana, Kehl (2016, p.171) ressalta que a constituição da feminilidade para as mulheres seria mais dispendiosa do que a da masculinidade para os homens e, ainda mais, essa feminilidade permaneceria para sempre incompleta e comprometida pelas fantasias e traços de identificação (não totalmente recalcados) da masculinidade.

Para Mitchell (1988), o complexo de castração no menino se origina de uma significação dada ao pênis a partir da posição do pai. Para a menina, ele se originaria

de uma percepção que ela faz do corpo do outro (masculino): "claramente, tal injustiça ao acesso de meninas e meninos ao significado (do falo) é insustentável: por que a menina deve ter uma relação privilegiada com a compreensão do corpo?" (Mitchell, 1988, p.45).

No texto "Sobre a Sexualidade Feminina" (1931), Freud investigou a ligação pré-édipica da menina com a mãe e o trânsito entre as posições passiva e ativa. Sobre isso, Kehl (2016) apresenta que a passividade que desencadeia angústia nos homens por apontar a ameaça da castração poderia ser um gozo acessível às mulheres. Entretanto, o desapontamento da menina com a sua ausência fálica não tem o mesmo peso de ameaça que a castração tem para o menino. Assim, a autora aponta que é exigido que a menina abandone as suas atividades fálicas e aceite a posição feminina, mas indaga qual seria o ganho para ela, explanando que

Não se abandona facilmente um caminho de prazer já trilhado, como sabemos pelo próprio Freud. Se uma mulher possui, inscritas em seu corpo, as duas modalidades de prazer, clitoridiano e vaginal, seriam a decepção e a inveja motivações suficientes para que ela recuse uma delas em favor da esperança longínqua de um dia obter o bebê/falo concedido pelo pai? (Kehl, 2016, p.171)

Ainda neste texto, Freud afirma que seria essencial para a mulher se tornar um sujeito, que ela se separe da mãe e vá em direção ao pai, propondo que essa mudança iria além da troca do objeto amoroso e que a própria sexualidade se converteria de masculina para feminina. Sobre isso, Kehl (2016) reflete que

Esta passagem aparentemente lógica no pensamento freudiano só se sustentaria sobre o pressuposto normatizador de que a masculinidade estivesse toda do lado do pai (o qual, por sua vez, só investiria amor numa filha "perfeitamente" feminina) e a feminilidade toda do lado da mãe, de modo a que, separada dela e identificada a ela, a menina só pudesse se constituir como mulher feminina. (Kehl, 2016, p.172)

A autora aponta que a própria psicanálise proporciona aspectos teóricos para relativizar a associação da sexuação dos sujeitos e os ideais de gênero. O pai pode muito bem aceitar a atividade fálica de uma filha, assim como a identificação após o Édipo com a mãe pode não ser o padrão de feminilidade (KEHL, 2016).

Já que toda conquista fálica seria possível para mulher que abdicasse da fantasia infantil de ter um pênis por outro modo imaginário de falo, por que ela teria que

refutar essas possibilidades, como o prazer clitoriano, em troca de ter um bebê? É essa pergunta que Kehl (2016) apresenta, elaborando que quaisquer das formas imaginárias do falo apontam para falta que se tenta encobrir, de modo que o filho-falo seria tão decepcionante para uma mulher como o clitóris para a menina em fase pré-edípica ou todos os outros elementos fálicos que ela utilize para tentar mascarar a castração. Tal como a ligação intensa com a mãe estará permanentemente acabada pelo amor ao pai (e outros homens), a via clitoriana de prazer não será eliminada pelo gozo vaginal: “mais, ainda: a aposta na feminilidade, com todas as renúncias que ela exige, não será jamais suficiente para que cada mulher se convença a ser “só” o que a cultura designou como sendo uma mulher” (Kehl, 2016, p.172), visto que sabe-se que o objeto do desejo é sempre o falo.

Desta forma, para o modelo freudiano, a mulher tem que se identificar com sua falta fálica, esperando que um homem lhe dê um bebê e, para tal, ela deveria se colocar no lugar de um falo para ele. Para a mulher, dentro da psicanálise, o único traço “normal” é a feminilidade, o investimento na beleza, transformando o corpo em falo para o desejo do outro, o que deixa evidente o porquê da frequente associação entre feminilidade e histeria (KEHL, 2016).

No último texto específico sobre a sexualização das mulheres (“A feminilidade”, 1933), Freud reitera o difícil trabalho que é definir os conceitos de masculinidade e feminilidade e de escapar de conceber “naturalmente” homens e mulheres como masculinos e femininos. Ele retoma que a finalidade do desenvolvimento da menina seria a feminilidade, renunciando à atividade, à masturbação clitoriana e ao amor da mãe pela passividade, pela masturbação vaginal e pelo amor do pai.

A partir disso, Kehl (2016) destaca que no mesmo texto do autor esse padrão começa a se relativizar. A autora dá o exemplo de que, mesmo com uma feminilidade já estabelecida, o desejo de possuir um pênis ainda prevalece, por ser um feminino, de modo que “(...) a mulher é tanto mais feminina quanto mais deseja ser outra coisa” (Kehl, 2016, p.173).

Ao mesmo tempo que Freud consegue argumentar sobre os paradoxos que são opostos aos estereótipos de gênero, ele os utiliza quando descreve o que é uma mulher e como ela se constitui (KEHL, 2016).

Em seguida, Kehl (2016) analisa uma passagem deste mesmo texto de Freud,

em que ele diz que a mulher, ao atingir os trinta anos, apresentaria uma rigidez, uma imutabilidade psíquica. A autora aponta uma contradição nesse pensamento, pois se a mulher não renuncia totalmente às suas ambições infantis, se seu supereu é mais “fraco” que o dos homens, seria esperado encontrar justamente o oposto, de modo que a mulher, por essa lógica, deveria ser mais plástica ao longo da vida.

Para Kehl (2016), quando Freud observa a impossibilidade de existirem caminhos posteriores para evolução da libido da mulher de trinta anos - no século XX, correspondia à mulher burguesa, branca, casada e mãe de vários filhos - não teria se atentado para a impossibilidade de opções para mulher dentro do campo social, já que não havia alternativas sublimatórias para a mulher vitoriana. Depois que uma mulher se tornava mãe, não era esperado nada mais dela pela sociedade, “(...) mas para Freud parecia uma consequência inelutável do percurso de subjetivação feminino, já que em sua teoria todos os interesses libidinais das mulheres culminaram na posse do filho” (Kehl, 2016, p.175). A produção social é que geraria uma fixação erótica dos filhos na mãe, uma vez que, para a cultura da época, se a mulher tem o único papel, o de produzir filhos, ela só se produz como mãe (KEHL, 2016).

A autora afirma que a cultura ocidental dos séculos XVIII, XIX e começo do XX impediu que as mulheres tivessem outras possibilidades identificatórias. Os ideais de gênero ofereciam somente a mãe como identificação possível para menina, que garantiria a ela pelo menos alguma gratificação libidinal (KEHL, 2016).

Por fim, Kehl (2016) diz que a mulher freudiana é aquela que se torna mulher mesmo já tendo sido “um homenzinho”. É aquela que, frente à falta inscrita em seu corpo, se cerca de atributos fálicos. Para a autora

Se a teoria psicanalítica freqüentemente produz um esquecimento a respeito de quem é a mulher e volta a insistir sobre os mistérios, sobre o indizível da feminilidade etc., vejo isto mais como sintoma de algo que se recalca do que de um impasse teórico. O mistério da mulher, em Freud, não reside em sua alteridade absoluta e sim na sua extrema proximidade com o homem. É porque uma mulher é para um homem o seu semelhante, seu igual, seu irmão, que se constitui, em nome do "narcisismo das pequenas diferenças", em uma espécie de cegueira a seu respeito. A única diferença fundamental entre um homem e uma mulher é que esta também é mulher. (Kehl, 2016, p.216)

Mitchell (1979) diz que Freud tem o mérito de ter denunciado as opressões que as mulheres de classe média sofriam pelo patriarcado. Porém, poderíamos criticá-lo

por não ter insistido em separar a Psicanálise da biologia, o que gerou muitas consequências para a sexualidade feminina, já que muitas vezes Freud virou as costas para o problema, “deixando suas leitoras com a sensação desagradável de que tudo o que ele fazia em definitivo era reenviá-las à biologia e à anatomia” (Mitchell, 1979, p.418).

Kehl (2016) destaca que se esquivava de uma leitura estruturalista do seu objeto de estudo (as mulheres) porque, no seu ponto de vista, esse tipo de leitura levaria a um viés essencialista que a psicanálise contemporânea tem obrigação de superar. A autora aponta que não adiantaria substituir a ideia freudiana de “anatomia é destino” por um novo dogma lacaniano de “linguagem é destino”, resultante de uma leitura inexoravelmente estruturalista.

Como exposto no capítulo anterior, o lado direito das fórmulas da sexuação correspondem ao lado feminino, regido por uma lógica não-toda. Possui um gozo Outro, um gozo suplementar, que é caracterizado por estar fora da linguagem, ou seja, um tipo de gozo que emerge do Real.

Para Demes, Chatelard e Celes (2011), ao evidenciar que o feminino está para além da lógica fálica e da castração, Lacan somente substituiu o conceito de falta, utilizado por Freud, por um conceito de falha, furo, perda. Os autores colocam que o feminino adquire o

semblante de algo da ordem do impossível, inominável, para sempre perdido, diz-se compreender o feminino. Algo da ordem do Real, sem lei, que não cessa de não se inscrever. A mulher como ser complementar, emblema da mãe primordial, não existe mais (a não ser fantasticamente). Ela se torna o significante da diferença, da alteridade; e a feminilidade, seu conceito. (Demes, Chatelard e Celes, 2011, p.660)

Para Kehl (2016), o fato do gozo feminino escapar do campo do simbólico, da ordem fálica, é que seria o seu “mistério”, tanto para aqueles que o possuem quanto para aqueles que não. Segundo a autora, “o indizível deste "gozo outro" (...) não constitui um mistério sobre o verdadeiro ser das mulheres, mesmo porque a verdade do sujeito é dada pelo desejo, não pelo gozo” (Kehl, 2016, p.206).

Para Kehl (2016), Lacan dividiria a mesma suposição imaginária de Freud, que liga a mulher a um estado específico, devido à falta real presente em seu corpo, sendo que daí surgiria a noção de enigma, mistério. Para a autora, no Seminário 20 Lacan se

questiona do porquê a mulher não conseguir dizer aos psicanalistas sobre esse seu gozo suplementar. Ela aponta que, para Lacan, a resposta estaria nos seus próprios postulados teóricos: se o gozo feminino é da ordem do real, escapa do significante, ninguém poderia dizer sobre ele.

Sobre esse não dizer acerca deste mistério colocado sobre a sexualidade feminina, a autora destaca que, para além não se poder dizer sobre este gozo, talvez a mulher fale sobre “aquilo que nenhum homem tem interesse em saber” (Kehl, 2016, p.206). O que seria isso que o homem não quer saber sobre, não quer saber sobre a mulher? Kehl (2016) responde que este mistério vinculado ao feminino aconteceria porque os homens querem negar que sabem, mas não querem saber o quão próximos estão da mulher, em outras palavras, da castração.

Acerca da sexuação humana, sabe-se que ela não é dada pelo sexo biológico, mas sim pelo atravessamento da cultura. Este atravessamento acontece para a criança pequena a partir dos três tempos do Édipo e seus efeitos (KEHL, 2016). Juliet Mitchell (1988) destaca o lugar do falo nesse atravessamento edípico:

vem para ficar como objeto necessariamente ausente de desejo no nível da divisão sexual. Se assim é, o complexo de Édipo não pode mais ser um mito estático que reflete a situação real do pai, mãe e criança; ele toma-se uma estrutura em torno da questão de onde uma pessoa pode ser colocada em relação ao desejo. Esse 'onde' é determinado pelo complexo de castração. (Mitchell, 1988, p.52)

O posicionamento que o sujeito tem que fazer frente ao desejo resultaria no efeito dele ser fragmentado e de identidade sexual incerta. Para Mitchell (1988), o recalque cria uma ilusão de igualdade entre o sujeito e seu sexo, ilusão esta em que a ruína é anunciada pelas neuroses.

Ambra (2015) propõe entre as duas modalidades de gozo possíveis para mulher a partir das fórmulas da sexuação, o gozo Outro, para referir-se à ideia de representação feminina instituída do século VIII em diante, “nas quais a feminilidade parecia gozar de um caráter especial, a partir do êxtase, em uma relação não mediada com a divindade” (Ambra, 2015, p.155).

Sobre o gozo fálico, localizado do outro lado da fórmula, Ambra (2015) diz que essa posição a uma única lei poderia ser associada “às novas formas de representação da mulher - no contexto da igualdade universal de direitos - tanto uma ruptura radical

com um modelo de sexo único quanto o acesso a um leque de gozo de direitos antes facultados apenas aos homens (Ambra, 2015, p.155).

Quanto à afirmação lacaniana de que “A mulher não existe”, para Ambra (2015) essa inexistência seria efeito de duas maneiras diferentes de representação coexistindo na junção de um mesmo significante, entretanto, sem nenhuma redutibilidade que as sintetize. Desta forma, a mulher não existiria dentro das fórmulas da sexuação devido à impossibilidade em formalizar duas representações ontológicas e historicamente tão diferentes daquilo que é tomado de modo geral como a mulher. O autor conclui que

a mulher não existe porque, analisada dessa forma, a balança da História parece tender mais para a ruptura do que para a continuidade: não parece haver uma matriz de mesma estrutura conceitual que possa unir Teresa de Ávila e as Sufragistas do início do século XX. (Ambra, 2015, p.156)

Poli (2007) afirma haver algum entrave que dificulta a articulação comum entre a psicanálise e os estudos de gênero e que possibilite um avanço crítico em relação às questões relevantes e atuais. A diferença sexual nas obras do Freud e de Lacan seria uma delas, em que, segundo a autora, predomina um “desconhecimento seletivo”¹⁶. Esse tema é sempre evocado “para reafirmar preconceitos históricos, certamente que não de todo desprovidos de fundamento, mas também já enferrujados pelo jargão” (Poli, 2007, p.280).

Segundo Poli (2007), o enigma do

feminino é derivado desta impossibilidade de representação do sexo materno. O corpo da mãe é sempre, em alguma medida, o corpo do incesto (COSTA, 1998). A intervenção da função paterna no Édipo — como propõe Lacan — interdita e simboliza ao mesmo tempo. Mas há um resto desta operação que permanece insubsumível. (Poli 2007, p.286)

Ainda segundo Poli (2007), na psicanálise, o significante fálico tem uma função unificadora, pois é ele que supre a necessidade do sistema simbólico de existir um significante que signifique o conjunto de todos os significantes existentes. O monoteísmo é um exemplo deste fundamento na cultura, e Deus é um dos nomes que se dá a este significante. A autora iguala a mulher também como um de seus nomes,

¹⁶ Aspas da autora Poli (2007).

por ambos serem resultantes da fantasia e visarem superar a exigência lógica de um conceito que nomeie sem que ele próprio seja nomeado: “essa condição lhe situa na exterioridade do sistema simbólico que constitui. Ou seja, ele mesmo escaparia à castração pois faria consistir a plena correspondência entre nome e coisa” (Poli, 2007, p.287).

Sobre o materno, a autora volta a colocar que isso seria algo que resistiria à simbolização nas mulheres, de modo que não são todas frente à castração. Isso resultaria em identificar “o corpo feminino com o objeto — o objeto da pulsão. Nesta posição, a mulher é causa do desejo, imagem substitutiva ao inapreensível objeto da pulsão” (Poli, 2007, p.287).

Nas obras de Freud e Lacan, fica evidente que não há definições definitivas dos termos mulher e feminino, sendo estes termos às vezes usados como sinônimos (LHULLIER e FAYAD, 2013). Para as autoras, tanto Freud como Lacan - até seu Seminário 18 - colocam a diferença sexual a partir do ter ou não ter o falo, o que despontou a crítica de alguns autores. A visão do feminino como o outro sexo sinalizado pela sua não totalidade abre a possibilidade de diversas figuras de mulher, mas todas com o aspecto de organização em volta de um “sinal de menos”¹⁷.

Segundo Lhullier e Fayad (2013), uma destas possíveis figuras que aparece na obra lacaniana é a mulher como mantenedora da vida, depositária da tradição, da linguagem. É ela quem dá suporte para o laço social e as instituições que sustentam a vida. Seria ela que faria a manutenção do mesmo, “(...) como sublinha enfaticamente e repetidas vezes Lacan, como a burguesa, se entendemos por isso a guardiã, a banqueira do depósito fiduciário que a atividade do homem alimenta” (Miller, 1999, p. 14 apud Lhullier e Fayad, 2013, p.258).

Ao mesmo tempo que essa figura aparece em Lacan, a mulher como norte, também se apresenta a figura da mulher como a desnordeada, a “perdida”¹⁸, a “louca”¹⁹, a imprevisível. Diferentemente do homem, na qual sua existência é definida pelas interdições da cultura, a mulher assume o lugar de “selvagem” do feminino, como aquele sujeito que, frente às mesmas interdições, pode “fazer semblante de se dobrar,

¹⁷ Aspas utilizadas pelas autoras (Lhullier e Fayad, 2013).

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

(...) deixando de lado os acertos, as negociações, os compromissos onde o desejo masculino se atola” (Miller, 1999, p. 14 apud Lhullier e Fayad, 2013, p.258-259).

A presença contrastante destas figuras da mulher é encontrada tanto nas obras freudianas como lacanianas e relaciona-se aos modelos de mulher ditados pela lógica fálica. Há tentativa da Psicologia e outros saberes de debater e definir o feminino a partir destas contradições (LHULLIER e FAYAD, 2013).

A sexualidade humana se afasta mais da biologia quando Lacan inaugura os três registros da psique - real, simbólico e imaginário. Ainda assim, na obra do autor, a diferença anatômica se faz presente, marcando o corpo real no ter ou não ter²⁰ o pênis. No plano imaginário, essa diferença representa para a unidade completude por um lado (masculino) e, para o outro, representa falta, incompletude (feminino). No plano simbólico, o falo é ordenador da sexualidade humana (LHULLIER e FAYAD, 2013).

Miller (1999) destaca que a valorização do pênis como falo seria um exemplo “dessa ideologia espontânea, que é uma forma de dizer de um menos estigmatizante do ser feminino” (Miller, 1999, p.6 apud Lhullier e Fayad, 2013, p.259). Na ordem do imaginário, esse “sinal de menos”²¹ confere um sentido a essa diferença anatômica e, no caso, acaba por diminuir o feminino, pois, por mais que a mulher não possua o pênis, essa observação só tem valor quando lhe é destinado um sentido e essa valorização tem efeitos sobre os que têm e os que não tem (LHULLIER e FAYAD, 2013).

Como, desde Freud, sabe-se na psicanálise que não existe uma relação de imposição entre o sexo anatômico e a posição do gozo dos sujeitos, “o “ter” ou “não ter” não servem como critério para estabelecer a diferença sexual masculino/feminino, em tudo aquilo que extrapola a anatomia” (Lhullier e Fayad, 2013, p.260).

A partir do Seminário 18, Lacan estabelece uma nova compreensão em relação às diferenças entre os sexos, diferentemente da concepção freudiana e de sua própria concepção anterior. Essa nova compreensão seriam as fórmulas da sexuação que introduzem duas modalidades de gozo distintas - o gozo fálico e o gozo suplementar (LHULLIER E FAYAD, 2013). Segundo Miller (1999), citado por Lhullier e Fayad (2013),

²⁰ Segundo as autoras, Lhullier e Fayad (2013), essa dialética é proposta até o seminário 18, em que, há a mudança para a dialética do ser e do ter o falo.

²¹ Idem.

o não todo, que é resultado da não inscrição total na lógica fálica, traria uma interpretação de incompletude, o tal do “sinal de menos”²². O autor afirma que há “um hiato entre o fato da observação e as consequências que o sujeito desenvolve a partir disso” (Miller, 1999, p.6 apud Lhullier e Fayad, 2013, p.261).

Soler (2005) traduz a famosa pergunta de Freud “o que quer uma mulher?” para “o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (2005, p. 17). Ela afirma que Lacan fez uma reflexão crítica em relação ao “forçamento” freudiano de deslocar o que se referia aos homens para as mulheres. Entretanto, segundo a autora, mesmo interrogando o Édipo freudiano Lacan não o recusa completamente.

Assim como Freud, Lacan se baseia em “fatos clínicos”²³ para explicar que o aspecto fálico é o significante-mestre de conexão com o sexo e é ele que organiza, delimita, no plano simbólico, a diferença entre homens e mulheres (SOLER, 2005).

Apesar disso, não é possível negar que Lacan avança em relação a Freud quando inaugura um novo destaque para a lógica fálica, que a dialética do ser e ter um falo. O ser o falo era uma ideia que não estava presente no pensamento freudiano, e a obra lacaniana promove uma mudança entre o binário “ter ou não ter”²⁴ o falo para um ser e um ter o falo. Aos olhos de Lacan, frente a relação dos desejos sexuados, na mulher, a falta fálica se tornaria a vantagem de ser o falo, ou seja, aquilo que falta no Outro. Essa conformação resultaria em que, na relação sexuada, a mulher seria solicitada a ocupar o lugar de objeto (SOLER, 2005).

A partir deste lugar que a mulher deve ocupar para se fazer objeto de desejo para o homem, segundo Soler (2005), é que surgem as diversas formulações para identificar o “lugar da mulher”²⁵. Segundo a autora,

Todas fazem dela o parceiro do sujeito masculino: ser falo, isto é, o representante do que falta no homem, depois ser o objeto causa de seu desejo e, por fim, ser o sintoma em que seu gozo se fixa. Todas, como vemos, definem a mulher como relativa ao homem e não dizem nada sobre seu possível ser *em si*, mas apenas sobre ser para o Outro. Essa variação subjaz implicitamente a todas as elaborações sobre a sexualidade feminina. (Soller, 2005, p.29)

²² Idem.

²³ J. Lacan, “A significação do falo”, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.693.

²⁴ Aspas utilizadas pela autora Soler (2005).

²⁵ Idem.

Soler (2005) continua sua discussão e, fundamentada no pensamento anteriormente exposto, argumenta que a relação sexual coloca o órgão masculino na posição dominante, de modo que a mulher só teria a opção de ocupar o correlato desse desejo. Desta forma, “não admira, portanto, que tudo o que se diz da mulher seja enunciado do ponto de vista do Outro e mais se refira a sua aparência que a seu próprio ser, permanecendo este como o elemento “foraclusão” do discurso” (Soler, 2005, p.29).

Por fim, a autora conclui que, sobre a metáfora fálica na mulher, é extremamente condizente a crítica feminista, visto que aponta para a opressão original que as “imagens e símbolos”²⁶ de uma cultura têm sobre as mulheres. Ela destaca que há um mérito em Lacan por reconhecer isso - o que Freud não fez -, isto é, que a mulher seria criação da cultura e da história, e que se transforma com o passar das épocas (SOLER, 2005).

²⁶ Idem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base as obras principais de Freud e Lacan acerca da sexualidade feminina a partir de um trabalho de revisão bibliográfica, foi apresentada uma leitura contemporânea da mulher dentro da Psicanálise, sustentada por diferentes autores contemporâneos. Entendeu-se, neste trabalho, a grande importância de, dentro do campo psicanalítico, serem repensados e discutidos uma série de conceitos com o objetivo de abarcar as transformações da sexualidade que ocorreram nas últimas décadas.

Como proposto por Lago (2010), a Psicanálise como área do conhecimento se baseia na ideia da existência de um sujeito universal, porém não questiona as características deste sujeito, generalizando-as para todos os seres humanos, colocando-os como únicos.

A sociedade contemporânea se transformou muito desde a época de Freud e, posteriormente, de Lacan, de modo que os dois grandes sustentáculos para o complexo de Édipo - o laço geracional e a diferença sexual - passaram por modificações estruturais, acentuadas com a introdução da discussão dos papéis de gênero, o que salientou a necessidade de um novo debate acerca da diferença sexual na psicanálise atual.

As contribuições de Freud como criador da psicanálise e de Lacan como um de seus maiores discípulos são nítidas e não podem ser simplesmente descartadas. Porém, vista a necessidade de uma reflexão teórica, este trabalho teve como objetivo revisitar as principais proposições de ambos os autores sobre a sexualidade feminina, para, em seguida, realizar uma breve análise do que alguns autores contemporâneos discutem sobre o assunto. Não há nenhuma pretensão de se encerrar essa discussão com esse trabalho, destacando-se a relevância e a imprescindibilidade da realização de mais pesquisas sobre o tema.

Freud opera a partir da lógica de ter ou não ter o pênis/falo, em que o destino esperado para a mulher seria a inveja do pênis, na qual a saída positiva seria a maternidade e a negativa a virilização. Desta forma, a mulher acaba como um sujeito marcado pela sua inferioridade. Para Lacan, a mulher é não-toda inscrita na lógica fálica, funcionando como um limite interno ao masculino, o que acaba por situá-la no

registro da não existência. A escolha do falo como significante único do desejo significa uma posição exclusiva do feminino de exclusão (ARÁN, 2009).

Mitchell (1979) propõe que Freud analisa a psicologia da mulher a partir do patriarcado, afirmando que “suas teorias permitem-nos entrever por que as mulheres são, psicologicamente, seres inferiores e de segunda ordem (o segundo sexo) no sistema patriarcal” (p.419-420). Ela afirma ainda que se a anatomia fosse realmente destino o homem em nada se distinguiria dos animais.

Já segundo Kehl (2016), a inscrição lacaniana dos sujeitos no discurso do Outro passaria por modificações ao longo da história, o que por sua vez conferiria mudanças no uso da língua e no lugar que a cultura designa aos sujeitos, de modo que o lugar que a mulher ocupa na nossa civilização depende, em última instância, das práticas falantes.

Por fim, Kehl (201) afirma que a ideia iniciada por Freud e finalizada por Lacan da mulher ocupar esse lugar de outro castrado no desejo masculino que protegeria o homem da angústia de castração seria só o que quer uma mulher. Assim, com o conceito fixo de que a mulher quer ser o desejo do desejo do homem, e quando qualquer uma destoa deste lugar que é obrigada a ocupar, a psicanálise retorna a perguntar: "mas, afinal, quem é que sabe mesmo o que quer uma mulher"?

5 REFERÊNCIAS

AMBRA, Pedro. Pontuações sobre o lado mulher da história. In: AMBRA, Pedro. **O que é um homem?** Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente. São Paulo: Annablume, 2015. Cap.3.2, p.147-157.

ARAN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 653-673, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

ARAN, Márcia. Lacan e o feminino: algumas considerações críticas. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 293-327, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

BEAUVOIR, Simone de. O ponto de vista psicanalítico. In: **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1949. Cap.II, p.58-72.

BONFIM, Flávia Gaze; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. **Fractal Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 539-548, dez. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

BONFIM, Flávia; COSTA, Ana. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. **Ágora**, Rio Janeiro, v. XVII, n. 2, p.229-245, jul./dez. 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

COELHO, Bruno Alves. A feminilidade como uma posição de sujeito: uma abordagem lacaniana. **Psicologia USP**, São Paulo, v.24, n.1, jan/abr. 2013.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. O Feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p.645-667, jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n2/08.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2018.

DOR, Joël. O estágio do espelho e o Édipo. In: **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. Cap. 12. p. 77-88.

FABBRO, Lygia Bonilha da. **Torna-se mulher: O caminho para a feminilidade: De Freud a Lacan**. 2014. 35 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicanálise, Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise, São Paulo, 2014. Cap. 3.

FARIA, Michele Roman. Lacan com Freud. In: FARIA, Michele Roman. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**: o complexo de Édipo de Freud a Lacan. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2003. Cap. 2. p. 43-86.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**: O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos (1923 - 1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v 16, p.168-175.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**: O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos (1923 - 1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v 16, p.203-213.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**: O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros Textos (1923 - 1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v 16, p.283-299.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 - 1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v.18. p.371-398.

FREUD, S. A feminilidade [1933]. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. XXII. p.113-134.

KEHL, Maria Rita. A anatomia e seu destino. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 mar., p.5, 2001. +Mais. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2503200106.htm>>. Acesso em: 11 maio 2018.

KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no século XIX. In: **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo Editora, 2016. Cap.1. p.17-85.

KEHL, Maria Rita. Freud, a feminilidade e as mulheres. In: **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo Editora, 2016. Cap.3. p.151-206.

KEHL, Maria Rita. Discutindo as conclusões. In: **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo Editora, 2016. Cap.4. p.207-223.

LACAN, Jacques. A questão histórica (II): "O que é uma mulher?". In: **Seminário 3**: As psicoses [1955-56]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p.198-208.

LACAN, Jacques. A dialética da frustração. In: **Seminário 4**: A relação de objeto [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Cap. IV. p. 59-75.

LACAN, Jacques. Sobre o complexo de Édipo. In: **Seminário 4**: A relação de objeto [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Cap. XII. p. 203-217.

LACAN, Jacques. O significante no real. In: **Seminário 4: A relação de objeto** [1956-57]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Cap. XIV. p. 237-253.

LACAN, Jacques. A metáfora paterna. In: **Seminário 5: As formações do inconsciente** [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Cap. IX. p.166-184.

LACAN, Jacques. Os Três Tempos do Édipo. In: **Seminário 5: As formações do inconsciente** [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Cap. X. p.185-203.

LACAN, Jacques. Os Três Tempos do Édipo (II). In: **Seminário 5: As formações do inconsciente** [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Cap. XI. p.204-220.

LACAN, Jacques. A Menina e o Falo. In: **Seminário 5: As formações do inconsciente** [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. Cap. XV. p.280-298.

LACAN, Jacques. A mulher, mais verdadeira e mais real. In: **Seminário 10: A Angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Cap. XIV. p.202-216.

LACAN, Jacques. Lição XVI, 12 de abril de 1967. In: **A lógica do fantasma**. Recife: Centros de estudos freudianos do Recife, 2008. Cap.16. p.303.

LACAN, Jacques. Aula III, 12 de janeiro de 1972. In: **...Ou pior**. Salvador: Moebius, 2003. Cap.3. p.43.

LACAN, Jacques. Aristóteles e Freud: A Outra Satisfação. In: **Seminário 20: Mais, Ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Cap. V. p.70-86.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1998. p.734-748.

LAGO, Mara Coelho de Souza. A psicanálise nas ondas dos feminismos. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs.) **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade**. Florianópolis: Mulheres, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1350>. Acesso em: 11 maio 2018.

LHULLIER, Louise Amaral; FAYAD, Daphne. Escutando Mulheres, interrogando o feminino: a psicanálise além do Édipo com Freud e Lacan. In: **Psicologia: Uma profissão de muitas e diferentes mulheres**. 2013: Conselho Federal de Psicologia, p.249-270. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/psicol_prof_muitas_e_diferentes_mulheres.pdf#page=249. Acesso em: 20 de maio de 2018.

MILLER, Jacques-Alain. Segundo seminário. In: **A lógica da direção da cura**. Minas Gerais: EBP. 1995. p.55-84.

MILLER, Jacques-Alain. Un répartition sexuelle. **La Cause Freudienne**, n. 40, jan. 1999.

MITCHELL, Juliet. Freud e Lacan: Teorias psicanalíticas da diferença sexual. In: **Psicanálise da sexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988. Cap.3, p.27-54.

MITCHELL, Juliet. O lugar da mulher. In: **Psicanálise e o feminismo** - Freud, Reich, Laing e mulheres. Belo Horizonte: Interlivros, 1979. p.418-423.

MOLINA, José Artur. O Feminino: Um Mal-Estar na psicanálise contemporânea. **Revista Iluminart do Ifsp**, São Paulo, v. 1, n. 3, p.166-174, dez. 2009. Disponível em: <http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/article/view/52>. Acesso em: 11 maio 2018.

MORAES, Gisele Cristiane Senne de; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Feminino e psicanálise: um estudo sobre a literatura psicanalítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 791-800, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 maio 2018.

NERI, Regina. **Modernidade: o encontro histórico da psicanálise com a histeria**. Clarice Lispector e Marguerite Duras: o feminino como cultura da feminilidade. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Instituto de Psicologia da UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.

POLI, Maria Cristina. A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 279-294, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2018.

QUEIROZ DE PAULA, F.O. Sexualidade feminina e feminilidade: mais além do Édipo. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. IX, n. 16, mai. a out. 2013. Disponível em http://www.isepol.com/asephallus/numero_16/artigo_06.html. Acesso em: 11 maio 2018.

ROCHA, Gustavo Rodrigues; ROCHA, Luana Fonseca da Silva. Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 15, n. 1, p.121-144, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133646>. Acesso em: 11 maio 2018.

RUBIN, Gayle. Parentesco, Lacan e o *phallus*. In: **O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a "Economia Política" do Sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993. p.15-17.

SANTOS, Tania Coelho dos. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. **Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v.XII, n. 1, p.9-26, jan/jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000100001&lng=en&nrm=iso. acesso em 11 maio 2018.

SILVA, Denise Quaresma da; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. **Estudos de Psicanálise**,

Salvador, n. 31, p.50-58, out. 2008. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

SOLER, Colette. Uma mulher. In: **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Cap. 1. p. 17.

SOLER, Colette. Que diz dela o inconsciente? In: **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Cap. 2. p. 25-38.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. Psicanálise e Feminilidade: algumas considerações. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 3, p.20-27, 1997. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2018.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Pesquisa em Psicanálise. In: FILHO, Raul Albino Pacheco; JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho; ROSA, Miriam Debieux. **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. p.109-117.